



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET  
Curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa

MARÍLIA GABRIELLA ROSA MACHADO

LITERATURA SEM FRONTEIRAS: A RECEPÇÃO DAS OBRAS DE YŌKO OGAWA  
NO CONTEXTO BRASILEIRO

MARÍLIA GABRIELLA ROSA MACHADO

LITERATURA SEM FRONTEIRAS: A RECEPÇÃO DAS OBRAS DE YŌKO OGAWA  
NO CONTEXTO BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito para obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras: Língua e Literatura Japonesa pela  
Universidade Brasília – UnB

**Orientador:** Prof. Me. Wendell Martins Silva

Brasília - 2025

MARÍLIA GABRIELLA ROSA MACHADO

**LITERATURA SEM FRONTEIRAS: A RECEPÇÃO DAS OBRAS DE YÔKO  
OGAWA NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito para obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras: Língua e Literatura Japonesa pela  
Universidade Brasília – UnB

**Orientador:** Prof. Me. Wendell Martins Silva

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Wendell Martins Silva – Orientador

---

Prof. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Examinadora

---

Prof. Dr. Cacio José Ferreira – Examinador

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho à minha avó, a mulher mais forte e inspiradora que eu já conheci. Foi ela quem lutou, sonhou e caminhou ao meu lado, muitas vezes abrindo mão de si mesma para que eu pudesse chegar até aqui. Esse trabalho carrega um pedaço do seu amor, da sua coragem e de tudo que a senhora me ensinou. Para a senhora, vovó, com todo meu coração.

### **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família por ter me apoiado durante esse período: à minha mãe, à minha prima Yasmin, aos meus tios e à minha avó. Gostaria também de agradecer à minha amiga Nayara por ter me aturado nos meus desabafos, lido meu trabalho e me ajudado a corrigi-lo, me fazendo ver de uma perspectiva diferente. Também quero agradecer à minha amiga Ana, iniciamos essa jornada juntas e apoiamos uma à outra. Foi difícil, mas nós conseguimos.

Quero agradecer também ao meu namorado, Vinícius, que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando, lendo meu trabalho, me elogiando e me incentivando. Obrigada mesmo, meu amor, por todo carinho e paciência.

E, por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador, Wendell Martins. Suas orientações foram o que me fizeram chegar até aqui. Obrigada por todo apoio e incentivo, você acreditou em mim e acreditou que eu poderia fazer um bom trabalho. Tenho muito orgulho de dizer que você foi o meu orientador e que você é uma inspiração para mim. Então, de coração, muito obrigada.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a recepção da literatura de Yōko Ogawa no Brasil, investigando como suas obras vêm sendo divulgadas e interpretadas em meios acadêmicos e digitais. As bases teóricas para a análise da recepção fundamentam-se nas contribuições de Hans Robert Jauss (1979), em *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, Wolfgang Iser (1996), em *O ato da leitura: uma teoria de efeito estético* e Stanley Fish (1992), em *Is there a text in this class?*, cujas perspectivas sobre o papel do leitor e a relação entre texto sustentam a análise proposta. A importância deste estudo reside na escassez de trabalhos acadêmicos voltados à recepção da autora no Brasil, apesar de Ogawa ser uma das escritoras proeminentes de seu tempo, abordando temas universais como memória, esquecimento, sentimentos e relações humanas. Nesse sentido, além do levantamento sobre a presença da autora, o estudo também traça um panorama da literatura feminina japonesa, desde suas origens até o contexto contemporâneo, a fim de compreender as influências na escrita de Ogawa. Como resultado, pode-se perceber um crescimento do interesse pela autora no Brasil, impulsionado pelas traduções e pela expansão da crítica literária japonesa. Diante desse cenário, percebe-se que as obras de Yōko Ogawa contribuem para um diálogo cultural entre Japão e Brasil e para a valorização da literatura feminina japonesa no cenário literário brasileiro.

**Palavras-chave:** Yōko Ogawa; Literatura feminina japonesa; Recepção literária; Literatura contemporânea.

## ABSTRACT

This research aimed to analyze the reception of Yōko Ogawa's literature in Brazil, investigating how her works have been disseminated and interpreted in academic and digital contexts. The theoretical basis for the analysis of reception is grounded in the contributions of Hans Robert Jauss (1979), in *Literature and the Reader: Texts on the Aesthetics of Reception*, Wolfgang Iser (1996), in *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Effect*, and Stanley Fish (1992), in *Is there a text in this class?*, whose perspectives on the role of the reader and the relationship between text and text underpin the proposed analysis. The relevance of this study lies in the scarcity of academic research on the reception of the author's works in Brazil, despite Ogawa being one of the prominent writers of her time, addressing universal themes such as memory, forgetting, feelings, and human relationships. In this sense, in addition to mapping the author's presence, the study also outlines a panorama of Japanese women's literature, from its origins to the contemporary period, to understand the influences present in Ogawa's writing. The results indicate a growing interest in the author's work in Brazil, driven by recent translations and the expansion of Japanese literary criticism. It can be concluded that Yōko Ogawa's works contribute to the cultural dialogue between Japan and Brazil and to the valorization of Japanese women's literature in the Brazilian literary scene.

**Keywords:** Yōko Ogawa; Japanese women's literature; Literary reception; contemporary literature.

## 要約

本研究は、ブラジルにおける小川洋子の文学の受容を分析し、作品が学術メディアやデジタルメディアを通じてどのように発信され、解釈されてきたかを検証する。受容の分析の理論的根拠は、ハンス・ロバート・ヤウス（1979）の *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*、ヴォルフガング・イーザー（1996）の *O ato da leitura: uma teoria de efeito estético*、スタンレー・フィッシュ（1992）の *Is there a text in this class?* の貢献に基礎を置いており、読者の役割とテキストとテキストの関係に関する彼らの視点が提案された分析の基礎となっています。本研究の重要性は、小川が記憶、忘却、感情、人間関係といった普遍的なテーマを扱った同時代を代表する作家の一人であるにもかかわらず、ブラジルにおける小川洋子の受容に焦点を当てた学術研究がほとんど存在しないことにある。この意味で、本研究では、小川洋子の存在を概観するだけでなく、その起源から現代に至るまでの日本の女性文学を概観し、小川の作品にどのような影響が及んでいるかを探る。その結果、翻訳や日本の文芸批評の発展に牽引され、ブラジルにおける小川洋子への関心が高まっていることが分かる。小川洋子の作品は、日本とブラジルの文化対話、そしてブラジルの文学界における日本の女性文学の評価に貢献していると言えるだろう。

**キーワード：** 小川洋子、日本の女性文学、文学受容、現代文学。



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Trabalhos de Yōko Ogawa .....</b>	<b>42</b>
<b>Quadro 2 – Obras traduzidas de Yōko Ogawa .....</b>	<b>51</b>
<b>Quadro 3 – Trabalhos Acadêmicos .....</b>	<b>54</b>
<b>Quadro 4 – Meio digital.....</b>	<b>58</b>

## SUMÁRIO

<b>1. SUTILEZAS QUE ATRAVESSAM FRONTEIRAS: INTRODUÇÃO À OBRA DE YŌKO OGAWA.....</b>	<b>11</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
3.1 Geral:.....	15
3.2 Específicos:.....	15
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>15</b>
<b>5. TECENDO NARRATIVAS: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA FEMININA JAPONESA .....</b>	<b>17</b>
5.1. Literatura Clássica.....	17
5.2. Literatura no Período Meiji (1868- 1912) .....	19
5.3. Literatura no Período Taishō (1912 a 1926) .....	24
5.4. Contexto do Período Shōwa (1926-1989).....	28
5.5. Literatura pós Segunda Guerra.....	30
5.6. Literatura Contemporânea .....	33
<b>6. ENTRE SILÊNCIO E MEMÓRIAS: QUEM É YŌKO OGAWA.....</b>	<b>39</b>
6.1. Estética da recepção e o papel do leitor.....	48
<b>7. LITERATURA DE YŌKO OGAWA NO BRASIL.....</b>	<b>51</b>
7.1. Obras traduzidas.....	51
7.2. Yōko Ogawa em trabalhos acadêmicos.....	53
7.3. Yōko Ogawa digital: sites, blogs e jornais digitais .....	58
<b>8. NAS MARGENS DA SENSIBILIDADE: REFLEXÕES FINAIS SOBRE OGAWA NO BRASIL .....</b>	<b>64</b>
<b>9. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>

## 1. SUTILEZAS QUE ATRAVESSAM FRONTEIRAS: INTRODUÇÃO À OBRA DE YŌKO OGAWA

A literatura feminina japonesa constitui um campo de estudo vasto, que revela aspectos profundos da cultura, da sensibilidade e da posição da mulher na sociedade japonesa ao longo dos séculos. Desde produções clássicas do período Heian, até obras contemporâneas, a escrita feminina no Japão reflete transformações históricas e sociais que dialogam com a identidade e a subjetividade feminina.

Entre as autoras do contemporâneo, Yōko Ogawa se destaca pela sutileza narrativa e pela construção de atmosferas que exploram a memória, o silêncio e a delicadeza dos sentimentos e emoções humanas. Reconhecida internacionalmente, Ogawa tem conquistado leitores brasileiros, especialmente após a tradução direta de uma das suas obras mais conhecidas, *A polícia da Memória* (2021), livro que despertou o interesse da crítica e do público leitor pela combinação de surrealismo, distopia e introspecção. A escrita da autora, marcada por imagens mentais e cuidado com as descrições, constitui um exemplo notável da literatura japonesa contemporânea.

No contexto brasileiro, observa-se um crescimento gradual do interesse pela literatura japonesa, sobretudo em âmbito acadêmico e em espaços de divulgação literária digital. No entanto, a recepção das obras de Yōko Ogawa ainda é um campo pouco explorado, carecendo de estudos que analisem sua presença no Brasil. Dessa forma, compreender como sua literatura é recebida, interpretada e difundida contribui para o fortalecimento dos estudos de literatura feminina japonesa no Brasil.

Diante desse cenário, sob a perspectiva da teoria de recepção literária de Hans Robert Jauss (1979), em *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, Wolfgang Iser (1996), com *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, e em conjunto de Stanley Fish (1980), em *Is there a text in this class?* e sua teoria sobre comunidades interpretativas, esta pesquisa propõe-se analisar o percurso literário de Yōko Ogawa e a recepção de suas obras em cenário brasileiro, buscando identificar a circulação da autora em meios acadêmicos e midiáticos. Para isso, adotou-se a metodologia exploratória-bibliografia que segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2003), busca criar hipóteses e familiarizar-se com o objetivo da pesquisa por meio de materiais bibliográficos existentes, além disso, de natureza qualitativa-quantitativa de Arilda Schmidt Godoy (1995), em que considera a interpretação de fenômenos sociais em conjunto da identificação de aspectos objetivos e numéricos, permitiu reunir, organizar e interpretar materiais já publicados referentes à autora e suas obras traduzidas.

O trabalho foi dividido em três momentos, sendo o primeiro uma contextualização sobre o desenvolvimento da literatura feminina até a contemporaneidade. O segundo momento refere-se à trajetória da autora como parte integrante da literatura feminina japonesa atual, além de discutir teoria literária da recepção. Por último, reuniram-se e organizam-se monografias, artigos científicos, entrevistas, matérias jornalísticas e resenhas, buscando evidenciar de que forma a autora e sua literatura é apresentada para o público brasileiro.

Dessa forma, a presente pesquisa busca contribuir para o campo de estudos literários japoneses no Brasil, oferecendo um panorama sobre a presença de Yōko Ogawa e a forma como suas obras vem sendo interpretadas e apreciadas.

## 2. JUSTIFICATIVA

A literatura feminina japonesa é um campo amplo e fascinante, que oferece um olhar único sobre a cultura, a sociedade e as experiências vividas pelas mulheres no Japão, ao longo dos séculos. Desde as obras clássicas de Murasaki Shikibu<sup>1</sup>, como *Genji Monogatari*<sup>2</sup>, até as vozes contemporâneas como Banana Yoshimoto<sup>3</sup> e Yōko Ogawa, escritoras japonesas vêm enriquecendo o panorama literário com produções distintas.

A seleção da autora se deu em um contexto de estudo de literatura japonesa contemporânea, no Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília. Nesse cenário, diversas autoras proeminentes, como Banana Yoshimoto, Hitomi Kanehara<sup>4</sup>, Hiromi Kawakami<sup>5</sup> e Sayaka Murata<sup>6</sup>, também foram abordadas, proporcionando uma compreensão da literatura feminina atual.

A obra de Yōko Ogawa que mais despertou interesse foi *A Polícia da Memória*, publicada no Brasil em 2021 com a tradução direta do japonês feita pelo professor da UFRGS Andrei Cunha. Na obra, a autora possui um cuidado e delicadeza com as palavras, sendo possível visualizar cada cena descrita e cada sentimento transmitido, assim como Mykaelle Ferreira (2024, p.240) afirma, “[...] há um apreço pela beleza das palavras e das imagens que

---

<sup>1</sup> Romancista japonesa, poetisa e dama de companhia na corte imperial durante o período Heian. Conhecida como a autora de *Genji Monogatari*, escrito aproximadamente entre 1000 e 1012.

<sup>2</sup> O conto de *Genji* é um livro de literatura clássica japonesa de autoria de Murasaki Shikibu. Foi escrito durante o período Heian e é considerado o primeiro romance literário do mundo.

<sup>3</sup> Banana Yoshimoto é o pseudônimo de Mahoko Yoshimoto, uma escritora japonesa contemporânea.

<sup>4</sup> Escritora japonesa contemporânea, produziu o romance *Hebi ni piasu* (Cobras e piercings) e ganhou prêmios literários como Shousetsu Subaru e Akutagawa.

<sup>5</sup> Escritora japonesa contemporânea conhecida por sua ficção, poesia e crítica literária. Autora da obra “A valise do professor”, em 2001.

<sup>6</sup> Escritora japonesa contemporânea muito conhecida pelo seu romance “Querida Konbini”, traduzida para o português 2016.

são apresentadas a cada cena, seja uma água a ser aquecida para o chá em um dia de forte nevasca, ou o curso do rio que flui repleto de pétalas de rosas.” Desta forma, a escrita de Ogawa se concentra em descrições que ela mesma define como “paisagens da mente” (Ogawa, 2022), de forma que, mesmo sem menção direta, é evidente as influências da cultura japonesa. Além disso, o site da Fundação Japão em São Paulo (2020) destaca que:

As obras de Ogawa costumam dar ênfase mais em emoções do que em ações, dissecando as relações humanas, dando especial atenção à construção das personagens, seu crescimento diante de situações adversas, analisando o seu exterior e interior, num estilo literário muito denso e descritivo, com grande esmero na escolha do vocabulário em japonês. Por isso, sua leitura é recomendada àqueles a procura de bons exemplos de literatura japonesa moderna, e que apreciam um estilo de escrita hábil, mas que se concentra mais na descrição do que na ação dramática em si. (Site da Fundação Japão, Yōko Ogawa, 2020.)

Consequentemente, um artigo da disciplina *Literatura Japonesa 4* do Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, foi produzido sobre a obra “A Polícia da Memória”, explorando “A representação de sentimentos” percebida na narrativa. A análise proporcionou grande satisfação ao examinar os diversos aspectos, como as memórias, os relacionamentos e os sentimentos que a autora desenvolve. A partir dessa experiência, surgiu a questão: “Como a recepção das obras dela é percebida no Brasil?”. Assim como destaca Jone Braga de Moura (2024), em *O horizonte em expansão: a recepção no Brasil da obra de Haruki Murakami*, é característico da literatura contemporânea uma experimentação narrativa, onde aspectos mais globais são abordados. Neste contexto, a crescente formação de leitores em todo o mundo e a tradução de obras de autores japoneses contemporâneos, como Yōko Ogawa, têm contribuído para tornar a literatura japonesa mais acessível.

Ainda de acordo com Moura (2024):

No Brasil, a tradução de obras japonesas também é bem aceita pelo público. Nuances culturais, idiomáticas e estéticas que, por vezes, são difíceis de traduzir com precisão. Certos significados e sensações podem ser perdidos, reduzindo o impacto original das obras para leitores internacionais. [...] Apesar da globalização, a literatura japonesa ainda pode parecer distante para leitores que não estão familiarizados com a cultura do país. Referências a costumes, mitologia e tradições podem dificultar a compreensão plena das narrativas. Apesar disso, o interesse crescente e a ampla tradução das obras evidenciam que elas continuam a encantar leitores ao redor do mundo. (Moura, 2024, p.80-81)

Nesse sentido, o estudo de Yōko Ogawa justifica-se pelo destaque no cenário literário contemporâneo com escrita que combina realismo com elementos do surrealismo e distopia. Além disso, apesar de ser reconhecida internacionalmente, a recepção das obras de Ogawa

ainda é um campo pouco explorado em estudos no Brasil, o que torna relevante compreender a partir da tradução de escritos, como foram recebidos pelo público acadêmico, leitor e crítica. Desta forma, analisar a recepção da literatura de Ogawa, permite entender como as obras foram interpretados, quais aspectos foram valorizados e de que forma ela se insere no cenário literário brasileiro.

Conforme Joy Nascimento Afonso e Priscila Yamaguchi Leal (2018, p.36), em *A escrita feminina japonesa: um breve panorama das produções clássicas às contemporâneas*, as autoras destacam: “Quando observamos a produção literária japonesa contemporânea notamos que as publicações de mulheres têm se quantificado proporcionalmente a dos homens.” Diante disso, torna-se fundamental que escritoras como Yōko Ogawa, e tantas outras autoras japonesas, recebam reconhecimento por meio de trabalhos acadêmicos aprofundados e de diversas outras formas de divulgação literário cultural. Essa valorização é crucial para ampliar o acesso e a compreensão da rica produção literária escrita por mulheres japonesas.

Assim, a presente pesquisa analisou a relevância da literatura feminina japonesa contemporânea, com um foco especial na literatura de Yōko Ogawa. Segundo Thiago de Souza Carneiro (2022), em *O Museu Temático de Yōko Ogawa: a morte, a memória e o silêncio*, Yōko Ogawa é reconhecida como uma das romancistas mais influentes da literatura contemporânea, o que justifica a análise de seu percurso literário. Em adição, Mykaelle de Sousa Ferreira (2024) aborda as obras de Ogawa e Tawada, em *Atravessando fronteiras: as distopias de Yōko Ogawa e Yōko Tawada*, oferecendo perspectivas adicionais:

Vale destacar que a recepção positiva no Ocidente em torno das obras de Ogawa e Tawada deve-se não apenas ao fato dessas ficções representarem uma visão distópica da realidade, mas, sobretudo, pela sofisticação da linguagem desenvolvida pelas autoras. São livros que rompem com possíveis barreiras linguísticas e confeccionam um universo de imagens oníricas, cintilantes e melancólicas sobre os traumas e as perdas que movem o século XXI. (Ferreira, 2024, p.239)

Portanto, este estudo se propõe a analisar a presença e a relevância das obras de Yōko Ogawa no Brasil. A investigação se aprofunda em como a literatura dela tem sido recebida e interpretada, buscando compreender o impacto que ela exerce no cenário literário e cultural brasileiro.

### 3. OBJETIVOS

### **3.1 Geral:**

Analisar o percurso literário feito pela Yōko Ogawa, realizar um levantamento das obras da autora traduzidas para o Brasil. Investigando as principais temáticas que estruturam a recepção da literatura de Yōko Ogawa no Brasil, abrangendo e quantificando sua circulação pelo meio acadêmico, pela crítica e pelo público leitor brasileiro.

### **3.2 Específicos:**

- Analisar o percurso literário feito pela autora como parte integrante da literatura feminina japonesa;
- Apresentar as obras traduzidas de Yōko Ogawa no contexto brasileiro;
- Coligir as produções críticas e acadêmicas realizadas sobre a autora e obras publicadas até junho de 2025;

## **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa adotou o método exploratório-bibliográfico, conforme delineado por Lakatos e Marconi (2003), com o propósito de realizar um levantamento sistemático de materiais acadêmicos e midiáticos que abordam a escritora japonesa Yōko Ogawa. O objetivo é compreender como suas obras vêm sendo recebidas, interpretadas e divulgadas no contexto brasileiro, tanto no meio acadêmico, quanto em plataformas digitais de crítica e divulgação literária.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.188) a pesquisa exploratória tem como finalidade “[...] desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.” Assim, o caráter exploratório justifica-se pela escassez de estudos voltados à presença e à recepção de Yōko Ogawa no Brasil, permitindo mapear as fontes existentes e identificar tendências interpretativas de suas obras.

De natureza bibliográfica, a pesquisa fundamenta-se na coleta, leitura e análise de materiais já publicados, o que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.183), “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” Assim, foram incluídos artigos científicos, monografias, resenhas, matérias jornalísticas, entrevistas, blogs e sites literários, que refletem a circulação e a recepção da autora no Brasil.

A investigação adotou uma abordagem qualitativa-quantitativa, de modo a combinar procedimentos de descrição numérica e interpretação de sentidos. A vertente quantitativa

contribui para identificação de aspectos objetivos, como quantificar as produções da autora, as traduções para o Brasil e realizar um levantamento de trabalhos acadêmicos e a presença de Ogawa na mídia digital. Enquanto a abordagem qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos discursos e significados construídos em torno da autora.

Segundo Godoy (1995, p. 62), a pesquisa qualitativa busca compreender o “[...] fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados.” Ou seja, compreender aquilo que permeia as relações humanas e sociais, o que torna adequada para estudos que envolvem análise de discursos e representações culturais. De forma semelhante, José Luis Neves (1996, p.1), em *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*, ressalta que a abordagem qualitativa se caracteriza pela ênfase na interpretação dos fenômenos e na atribuição de significados, privilegiando o contexto e a subjetividade dos dados.

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa compreendeu várias etapas interligadas. Inicialmente, elaborou-se um panorama histórico do desenvolvimento da literatura feminina japonesa, para compreender influências e diálogos que outras autoras estabeleceram com Yōko Ogawa. Também realizou-se uma exposição sobre a vida e o percurso literário da autora, abordando sua formação, estilo e inserção no contexto da literatura japonesa contemporânea.

Em seguida, realizou-se o levantamento das fontes, buscando materiais acadêmicos e midiáticos publicados entre 2017 e junho de 2025, em bases de dados científicos e em veículos de comunicação com foco em literatura japonesa. Além disso, optou-se por encerrar a coleta de dados nessa data para assegurar a coerência analítica do estudo. A partir desse marco, novas publicações que ainda não haviam sido consolidadas, não foram consideradas para assim manter a consistência do levantamento. Diante disso, foram definidos critérios de seleção, priorizando textos em língua portuguesa que abordassem diretamente Yōko Ogawa ou suas obras, excluindo menções indiretas ou conteúdo sem relevância interpretativa. Após essa filtragem, procedeu-se à organização e catalogação das fontes em quadros, reunindo informações sobre autor, título, data, tipo de publicação e veículo de divulgação.

Os parâmetros de pesquisa utilizados para localizar trabalhos referentes à autora incluíram consultas no Google Acadêmico e a busca em portais de publicação de universidades que apresentassem indícios de estudos sobre Ogawa ou sobre literatura feminina japonesa. Para o levantamento em sites e blogs, foram realizadas buscas pelo nome da autora, também associado ao termo “recepção”, o que permitiu identificar as páginas que foram posteriormente



coligidas no trabalho. Diante disso, foram considerados somente materiais publicados no Brasil e em língua portuguesa.

Dessa forma, a metodologia proposta integra dimensões descritivas, contextuais e interpretativas, permitindo observar a amplitude da presença de Yōko Ogawa em espaços acadêmicos e midiáticos, o que contribui para a construção da sua imagem literária no contexto brasileiro. A combinação entre o método exploratório-bibliográfico e a abordagem qualitativa-quantitativa possibilita, portanto, uma análise ampla, crítica e fundamentada da recepção da autora no Brasil.

## **5. TECENDO NARRATIVAS: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA FEMININA JAPONESA**

### **5.1. Literatura Clássica**

Antes de discutir sobre a literatura contemporânea é importante entender quais foram os aspectos da literatura feminina produzida no passado até a literatura atual. Assim, volta-se ao século VII, onde a escrita chinesa foi empregada inicialmente pela aristocracia japonesa e por monges budistas. A partir da escrita, as tradições orais da literatura japonesa passaram a existir como registros históricos, havendo também muitas produções de prosa e poesia. Assim como afirma Neide Hissae Nagae (2012), em *Literatura Japonesa – Um olhar curioso sobre produções curiosas*:

A poesia foi uma presença marcante desde os primórdios. Dita como a expressão mais pura do sentimento japonês, ela surgiu na forma oral por meio de cantigas e orações; posteriormente assumiu formas poéticas variadas que foram registradas de modo criativo com os ideogramas chineses, usando-se um ideograma que correspondesse ao som silábico japonês para expressar um fonograma, os chamados *man'yōgana*. Esses caracteres de origem chinesa passaram por um processo de uniformização e simplificação, resultando nos fonogramas *hiragana* e *katakana*. Porém, o uso dos ideogramas foi mantido e adaptado às necessidades e características do vernáculo, passando, assim, a serem ideogramas japoneses com suas leituras e usos. (Nagae, 2012, p.1)

No início do Período Heian (794-1192), a partir do uso do *Man'yōgana*, “desenvolve-se paralelamente dois sistemas de escrita. Uma criada pelos Bonzo<sup>7</sup>, que os auxiliava na leitura dos sutras sagrados chamada de *katakana*, e a outra pelas damas da corte, em estilo cursivo, denominado *hiragana*.” (Afonso, 2018, p.37). Com acesso a escrita, as mulheres puderam desenvolver a própria escrita feminina - *Onnamoji* (caracteres das mulheres), produzindo obras

---

<sup>7</sup> Monge ou sacerdote, servidor de um templo, estudioso de teologia e outras ciências humanas.

de grande valor literário, incluídas no chamado *Joryū bungaku* <sup>8</sup>. Durante esse período, muitas obras de estilo *Nikki* <sup>9</sup> e *Monogatari* <sup>10</sup> foram criadas.

Das obras produzidas, pode-se citar *Kagerō Nikki* (Diário da Efemeridade), a primeira obra efetivamente escrita por uma mulher, cuja autora é conhecida apenas como *Michitsuna no haha*, “a mãe de Michitsuna”. Há também: *Izumi Shikibu Nikki* (Diário de Izumi Shikibu), escrita por volta de 1007; *Murasaki Shikibu Nikki* (Diário de Murasaki Shikibu), escrita por volta de 1010, pela dama da Corte de mesmo nome; e *Sarashina Nikki* (Diário de Sarashina), de autoria de *Takasue no niyusume*, “filha de Takasue” escrita depois de 1059. E ainda O livro do travesseiro (*Makura no Sōshi*, 2013 para o português) escrito pela dama da corte Sei Shōnagon e *Genji Monogatari* (O Romance de Genji – trad. português lusitano, 2008), da também dama da corte Murasaki Shikibu.

A obra Diário de Efemeridade (*Kagerō Nikki*), escrita após 974, é um registro das angústias, incertezas e ciúmes da autora que, embora casada com um homem de grande prestígio e poder, sente-se infeliz e insatisfeita, diante do sistema poligâmico predominante na época, e alcança relativa tranquilidade, somente quando passa a viver em função dos filhos. O livro do travesseiro (*Makura no Sōshi*) inclui cerca de 300 ensaios em que ela registra “ao sabor da pena, as suas perspicazes impressões e observações referentes à natureza, à vida da corte, sobre o mundo que a rodeia” (Yoshida, 1999, p.64). Já *Genji Monogatari* só foi concluído por volta de 1008 e possui 54 tomos. A obra aborda de forma minuciosa ambientes e trajes da época, além dos relacionamentos amorosos do príncipe *Hikaru Genji* e descendentes. Assim como nos romances atuais, a narrativa possui diversos personagens, principais e secundários, bem caracterizados, que evoluem ao longo do tempo.

Com base nessas obras, podemos observar de acordo com Afonso (2018, p.37), que “a temática volta-se para os ambientes da aristocracia palaciana e do dia a dia das damas da corte que acompanhavam a consorte real, vivendo em função dos soberanos, sob forte influência religiosa.”

Entretanto, do período clássico até o período Meiji ocorreu o silenciamento das produções literárias feitas por mulheres. Isso aconteceu devido à época dos samurais, durante

---

<sup>8</sup> Literatura Feminina, ou literalmente “literatura à moda feminina”.

<sup>9</sup> Gênero literário de diários. Geralmente poéticos, combinavam prosa e poemas para retratar a vida, pensamentos e eventos sociais e pessoais de seus autores, muitos dos quais eram mulheres da nobreza no período Heian.

<sup>10</sup> Gênero literário japonês normalmente traduzido como conto ou narrativa. Obra literária em prosa que relata sobre pessoas e fatos, baseada nas experiências ou na imaginação do autor.

o período *Kamakura*<sup>11</sup>, onde ideais do confucionismo foram aplicados para que mulheres só cumprissem com seus deveres de boa esposa e mãe, prendendo-as somente ao meio doméstico. Afonso (2018) reforça que:

O poder centralizava-se na figura masculina que era reconhecida pela força militar e pela extensão das propriedades. Além disso, a “herança que era dividida igualmente entre todos os filhos até aproximadamente o século XIV, passa a privilegiar apenas o primogênito, evitando, assim, o esfacelamento das propriedades e o consequente enfraquecimento do poder econômico” (Yoshida, 1992, p.63), deixando à incumbência da mulher o dever de gerar um filho homem para dar continuidade à linhagem da família, restringindo a figura feminina somente ao âmbito doméstico, subordinada ao homem. Essa ideia é reforçada pelo budismo que influenciou os grandes governantes do Japão, e também pelo pensamento do *ryōsai-kenbo* (boa esposa, mãe) “a mulher devotada exclusivamente ao lar, que advém com Reforma Meiji, em 1868” (Idem, p.64), pensamento esse que nos permite identificar a imagem que se tem cristalizada até os dias de hoje da mulher japonesa submissa e frágil (Afonso, 2018, p.37-38).

Em adição, Martina Barth (1996, p.5), em *Women in Japanese Literature* (Mulheres na Literatura Japonesa, tradução livre), afirma que esses ideais relacionados a vida da mulher, vistos sob perspectiva dos homens, continuaram a aparecer na literatura masculina e ainda persistiu nos escritos femininos, quando as mulheres foram novamente admitidas dentro da produção de literatura japonesa. Somente nos anos do pós-guerra, surgiu no Japão um grupo de escritoras que tratavam de temas que “se expandiram para incluir o ódio à maternidade, à feminilidade ou ao corpo das mulheres<sup>12</sup>” (Ariga Chieko M. em Fujimura-Fanselow e Kameda, 1995, p.44, tradução nossa).

Desta forma, embora a literatura feminina no Japão tenha surgido prematuramente comparado com o contexto mundial, após sofrer o silenciamento durante o período Kamakura, ela só retornou aos poucos no início do período Meiji (1868- 1912) e ressurgiu no contexto das tendências socialistas que tomaram forma no país a partir da década de 1920.

## 5.2. Literatura no Período Meiji (1868- 1912)

Durante a restauração Meiji (1868- 1912) o Japão foi forçado a abrir para o exterior pelos Estados Unidos, após mais de dois séculos de fechamento quase completo, iniciando um processo veloz de ocidentalização e modernização. Assim como afirma Freitas (2016):

---

<sup>11</sup> Ou Xogunato Kamakura (1192-1333), foi o primeiro regime militar feudal japonês. Governo militar que conduziu a ascensão dos samurais como classe dominante do país.

<sup>12</sup> expanded to include hatred of motherhood, womanhood, or women's bodies. (Ariga Chieko M. em Fujimura-Fanselow e Kameda, 1995, p.44)

O período Meiji abrange de 1868 até 1912 e é marcado pelo retorno do imperador ao poder, pela abertura do país para o estrangeiro e pela modernização japonesa. Um dos objetivos do governo era o de unificar o país e, para isso, os ministros implementaram vários programas e políticas. O novo governo também estava comprometido em modernizar o Japão e em aprender com os ocidentais, assim, os japoneses começaram a estudar fora e observar costumes de outros países. Durante estas observações, várias diferenças culturais chamaram a sua atenção, incluindo as liberdades pessoais das quais as mulheres americanas desfrutavam. (Freitas, 2016, p.17)

Durante este período, a imagem feminina permaneceu fortemente associada ao espaço doméstico, influenciada sobretudo pelos ideais de *ryōsai kenbo* (boa esposa, mãe sábia). As restrições à liberdade das mulheres, como a proibição de participar de reuniões públicas ou de integrar associações políticas, refletiam sua condição de impotência jurídica no âmbito familiar, onde não possuíam controle sobre a propriedade nem direito à guarda dos filhos em casos de divórcio.

Segundo Freitas (2016, p.19), “O responsável por cunhar o slogan, em 1875, foi Nakamura Masanao, um famoso educador japonês que passou um tempo considerável na Europa. Nakamura apresentou, em um texto intitulado “Criando Boas Mães”, um modelo clássico inspirado no do Ocidente do século 19 para as mulheres.” Ele descreve neste texto que as mulheres “deveriam prover as bases morais e religiosas do lar, educando seus filhos e agindo como a ‘metade melhor’ de seus maridos<sup>13</sup>” (Sievers, 1983, p. 22, tradução nossa). Para o educador, as mulheres tinham a responsabilidade de criar e educar as futuras gerações do Japão, portanto elas deveriam receber a educação necessária para cumprir tal papel.

Comparadas às ideias sobre mulheres do período Tokugawa, as de Nakamura demonstravam uma clara mudança. De acordo com Sievers (1983, p. 23, tradução nossa), “o sistema Tokugawa tinha criado servilismo e submissão: A Mulher do período Meiji deveria ser diferente. Elas deviam criar uma geração de japoneses – Independentes e capazes de defender e administrar o país<sup>14</sup>”. Nessa época, o papel da mulher como mãe e esposa continuava a ser valorizado, embora de maneira distinta do que ocorria no período Tokugawa. De acordo com as ideias de Nakamura, a esposa ideal deveria apoiar o marido, complementar seu trabalho e participar das decisões familiares, contribuindo para a construção do futuro do Japão.

---

<sup>13</sup> should provide the religious and moral foundations of the home, educating their children and acting as the ‘better half’ to their husbands. (Sievers, 1983, p. 22)

<sup>14</sup> The Tokugawa system had bred servility and submission; Meiji women must be different. They must raise a new generation of Japanese – independent and capable of defending and managing the country. (Sievers, 1983, p. 23)

Freitas (2016, p. 19) afirma que “Neste período o governo criou regulamentos que exigiam que cada prefeitura desse suporte a ao menos uma escola secundaria para jovens mulheres, ressaltando que nestas escolas a educação seria padronizada e almejava formar boas esposas e mães.” Desta forma, em 1906, o ministro da educação Makino Nobuaki demonstrou que considerava a criação de *Ryōsai kenbo* o propósito fundamental da educação para as mulheres. Ele dizia que os assuntos estudados por elas deveriam ser diferentes, já que seus papéis também diferiam daqueles assumidos pelos homens (Uno, 1993, p. 298). Assim, o propósito principal da educação para as mulheres no período Meiji era a criação de *Ryōsai kenbo*.

Mesmo que as mulheres tenham conseguido acesso à educação, Sievers (1983, p.110) afirma que, em 1898 um novo Código Civil foi estipulado pelo governo japonês, onde as mulheres eram colocadas sob autoridade do homem da família retomando ao modelo patriarcal e ao sistema familiar tradicional existente no período Tokugawa. Diante disso, as mulheres passaram a ter muito menos autonomia e o Código significou um retrocesso na luta pelos direitos das mulheres.

Além disso, neste período, no Japão o adultério era considerado errado, porém apenas quando cometido pela mulher<sup>15</sup>(Sievers, 1983, p. 111). É possível compreender que, mesmo após o período Tokugawa, os homens continuaram a frequentar distritos de entretenimento e a manter amantes, e a infidelidade masculina seguiu sendo amplamente tolerada pela sociedade, obrigando muitas mulheres a aceitarem essa condição de forma resignada.

Contudo, havia quem discordasse do tratamento dispensado às mulheres. Em 1874, os pensadores Mori Arinori e Fukuzawa Yukichi manifestaram-se a favor de uma transformação nas condutas dos homens, defendendo que as mulheres mereciam um tratamento mais humano (Freitas, 2016). Entretanto, segundo Freitas (2016, p.22), Mori e Fukuzawa não gostaram de serem identificados como defensores dos direitos das mulheres, pois entendiam que o papel da mulher era somente dentro da família, e que as mulheres não estavam preparadas para papéis sociais fora deste contexto<sup>16</sup>. Desta forma, mesmo que houvesse homens que defendessem um

---

<sup>15</sup> Adultery, as before, was a punishable offense only in the case of wives (Sievers, 1983, p. 111).

<sup>16</sup> E entre os que não concordavam, houve dois conhecidos estudiosos, Mori Arinori e Fukuzawa Yukichi, em 1874, apoiando que as atitudes dos japoneses deveriam mudar. Em seus escritos, eles pediam que os homens da sociedade japonesa parassem de manter concubinas e que comesçassem a tratar as mulheres mais humanamente. [...]. Porém, Mori e Fukuzawa ficaram surpresos quando começaram a ser descritos como defensores dos direitos das mulheres, pois nenhum dos dois queria ser identificado por essa descrição. Pode parecer muito contraditório, mas o fato era que eles queriam focar nos direitos das mulheres apenas dentro da família, sem mencionar os papéis assumidos por elas em outros lugares (Freitas, 2016, p.22).

tratamento mais humanizado para com as mulheres, ainda não acreditavam que essas poderiam participar de forma ativa dentro da sociedade.

Em adição, Freitas (2016, p.25) também afirma que o *Ryōsai kenbo* falhou em ser hegemônica, pois havia muitas mulheres de classes baixas que precisavam trabalhar para ajudar suas famílias. Diante disso, as mulheres mais pobres passaram a ser essenciais nas forças de trabalho das fábricas após a industrialização japonesa. Além disso, segundo Pyle (1996), nessas fábricas as condições de trabalhos eram insalubres e opressivas, com altas cargas de trabalho por dia.

Dessa forma, muitas mulheres foram compelidas a assumir responsabilidades que não desejavam. As pertencentes às classes mais baixas trabalhavam em fábricas, enquanto aquelas que viviam em áreas urbanas exerciam funções como professoras ou vendedoras. Contudo, após o casamento, algumas precisavam continuar trabalhando fora para garantir uma renda suficiente para a família, acumulando múltiplos papéis e enfrentando uma carga significativa de deveres e expectativas.

Ainda durante Meiji, houve diversas influências da literatura ocidental no Japão, onde culminou no desenvolvimento do *Watakushi Shōsetsu* ou *Shi Shōsetsu* (Romance do Eu)<sup>17</sup>. Nas palavras de Nagae (2006): “O Romance do Eu é uma tentativa de enxergar-se a si mesmo, pois cada um enxerga o que está ao alcance de sua visão sem, contudo, enxergar o que o outro vê.” Em adição, Afonso (2022) destaca que o Romance do Eu foi um passo muito importante na transformação da literatura japonesa, no entanto, as mulheres não estavam incluídas nas produções de obras do gênero. Afonso (2022) ainda declara que:

Para elas, embora tivessem tido as mesmas influências que seus pares masculinos, a fim de serem aceitas nos grupos literários e consequentemente terem suas obras publicadas, precisavam seguir um código em suas criações escritas. Esse código para a produção literária de autoria feminina tinha como base um estilo linguístico e estrutural no qual as personagens femininas não “falariam” como uma mulher do período Meiji, com seus maneirismos e sotaques, mas sim performariam uma feminilidade elitizada. O enredo da obra também deveria seguir esse mesmo pressuposto, voltando-se para temas que, de certa maneira, ensinassem as mulheres a viverem harmoniosamente com seus cônjuges. A criação desse “código literário” no qual as personagens mulheres performariam uma feminilidade discursiva, devia-se a dois fatores: as mulheres que passaram a escrever literariamente no período Meiji estavam sob a tutoria de escritores homens, que lhes “ensinariam” o ofício da escrita aos moldes da época; além disso, essa tutoria masculina tinha como referencial feminino os atores que performavam as personagens femininas no teatro Kabuki. Sendo assim, essas escritoras precisavam garantir, ao mesmo tempo, que seu discurso representasse suas ideias, porém sem fugir das indicações

---

<sup>17</sup> É um estilo literário japonês escrito em primeira pessoa e incorpora elementos autobiográficos. Foi criado com base na recepção japonesa do naturalismo, durante o período Taishō.

feitas por seus tutores, garantindo-lhes um espaço de publicação e respeito nos círculos literários. (Afonso, 2022, p. 81-82)

Desta forma, a liberdade de expressão na escrita era muito escassa, a produção de literatura feminina era dificultada pelo código de produção literária, impedidas de expressar a própria feminilidade, além de ter que seguir os moldes que seus mentores definiam como corretos e de que forma uma mulher deveria agir sob a perspectiva masculina.

Em razão dos aspectos mencionados, multiplicaram-se as críticas e novas visões sobre o papel das mulheres foram evidenciadas em protestos e publicações. Algumas delas demonstravam o desejo de romper com o sistema familiar e participar ativamente da política (Uno, 1993, p. 294).

No final do período Meiji, autoras como Shikin Shimizu<sup>18</sup>, Ichiyo Higuchi<sup>19</sup>, Fukuda Hideko<sup>20</sup>, Ito Noe<sup>21</sup>, Toshiko Tamura<sup>22</sup>, Yaeko Nogami<sup>23</sup> e Akiko Yosano<sup>24</sup> tiveram destaque em sua escrita feminista e politizada. A modernização do Japão e a influência ocidental abriram espaço para escrita feminina abordar temas como opressão patriarcal, casamento e emancipação, culminando na fundação da revista *Seitō* (青鞥), uma publicação feminista fundamental para o movimento no país. Vale destacar a escritora *Raichō Hiratsuka* autora de *Genshi, josei wa taiyō de atta* (no princípio, a mulher era o sol: a autobiografia de uma japonesa feminista) e também fundadora da revista *Seitō* em 1911, com outras quatro escritoras, sendo elas: Yasumochi Yoshiko, Mozume Kazuko, Kiuchi Teiko e Nakano Hatsuko.

Na primeira edição da revista *Seitō*, o ensaio de Raichō, um manifesto a ideia da “Nova Mulher”, iniciava-se com a seguinte declaração “no início, a mulher realmente era o sol ... agora ela se tornou a lua – brilhando pela luz de outros, dependente de outros para viver, uma lua cujo rosto é tão pálido e pálido como a de um inválido” (Hiratsuka apud Ericson, 2000, p.643). Ou seja, Raichō tinha como objetivo o chamado para as mulheres assumirem seu papel

---

<sup>18</sup> Shikin Shimizu, pseudônimo de Toyoko Shimizu, foi uma romancista japonesa e ativista dos direitos das mulheres dos direitos das mulheres do período Meiji no Japão.

<sup>19</sup> Ichiyo Higuchi, pseudônimo de Natsu Higuchi, foi uma escritora japonesa também conhecida como Natsuko Higuchi. Poeta e romancista especialista em contos, foi a primeira escritora de destaque no Japão dos tempos modernos, tendo atuado no período Meiji.

<sup>20</sup> Ativista feminista japonesa, participou de movimentos pela liberdade e direitos do povo. Fundou a revista *Sekai Fujin* (Mulheres do Mundo), que visava empoderar as mulheres do Japão e envolvê-las em assuntos internacionais.

<sup>21</sup> Escritora e anarquista japonesa. Foi diretora-chefe da revista literária japonesa *Seitō* entre 1915 até a descontinuação em 1916.

<sup>22</sup> Toshiko Tamura, pseudônimo de Toshi Satō, foi uma escritora de romances feminista do período Showa.

<sup>23</sup> Também romancista do período Showa. Seu nome de solteira era Kotegawa Yae.

<sup>24</sup> Pseudônimo de Shiyo Yosano, foi uma das autoras mais famosas e polêmicas de seu país. Ela foi uma figura feminista pioneira, pacifista e educadora.

ativo em sociedade e falarem por si mesmas, sem a direção e orientação masculina ou do governo.

A revista *Seitō* consolidou-se, assim, não apenas como um espaço de divulgação de novas escritoras, mas também como um importante fórum de debate sobre teorias feministas e reflexões a respeito dos valores sociais atribuídos às mulheres. No entanto, em 1916, a publicação foi descontinuada após sofrer censura do Ministério do Interior por violar a lei que proibia críticas ao regime. Ainda assim, *Seitō* permanece como uma referência fundamental para o movimento feminista japonês.

### **5.3. Literatura no Período Taishō (1912 a 1926)**

Em 1912, o Japão passou por uma importante transição política com a morte do imperador Meiji e a ascensão de seu filho, Yoshihito, ao trono, inaugurando o período Taishō. Essa fase foi marcada por intensas transformações, com a continuidade do processo de modernização e a crescente influência das ideias ocidentais. No campo político, novos grupos e partidos começaram a se formar e ganhar destaque. A segunda metade do período ficou conhecida como a era da “democracia Taishō”, caracterizada por um ambiente mais liberal e por um aumento do interesse popular pela política. Nesse contexto, surgiram movimentos que reivindicavam mudanças significativas, alguns com propostas de caráter mais radical (Pyle, 1996). Entre as principais demandas sociais estava a ampliação do direito ao voto, sem restrições baseadas em renda. Em 1925, o sufrágio masculino foi finalmente instituído, embora as mulheres ainda tivessem de esperar muitos anos para conquistar o mesmo direito.

Durante a período Taishō no Japão, um número crescente de mulheres passou a ter acesso à educação. Por volta de 1920, quase todas as meninas completavam os seis anos de ensino obrigatório (Freitas, 2016, p.27). Milhares de mulheres também avançavam para níveis de estudo mais elevados, como o ensino secundário (*chūgakkō* e *kōtōgakkō*), conforme aponta Pyle (1996). Desta forma, aos poucos as mulheres passaram a ter mais acesso à educação e tiveram oportunidades de estudarem em instituições renomadas. Segundo Freitas (2016, p. 27), para um grupo mais seleto de mulheres, era possível estudar em instituições como: Faculdade Tsuda para Mulheres (fundada em 1900 por Tsuda Umeko, originalmente como Instituto de Inglês para mulheres) e a Universidade de Tóquio para Mulheres (criada em 1918 por Nitobe Inazō). Diante disso, com o crescente acesso das mulheres à educação e o consequente contato com novas correntes intelectuais, observou-se o surgimento de organizações femininas e de um movimento feminista ainda incipiente, porém de relevância histórica e social. Nesse contexto, de acordo com Horimoto (1999, p. 5), emergiu a expressão



*atarashii onna* (novas mulheres), utilizada para caracterizar aquelas que buscavam redefinir seu papel na sociedade japonesa.

Um dos principais veículos de divulgação das “novas mulheres” foi a revista *Seitō*. Em seus primeiros anos, até 1913, a publicação apresentava-se predominantemente como uma revista literária. A partir desse período, contudo, a *Seitō* passou a configura-se como um espaço de reflexão e debate acerca dos direitos das mulheres, bem como de questões sociais e políticas mais amplas (Sievers, 1983, p.181)<sup>25</sup>. Consequentemente, observou-se que nesse mesmo ano, a revista passou a promover uma conferência voltada aos desafios enfrentados pelas mulheres, discutindo temas como a busca por liberdade pessoal e autonomia financeira, sendo amplamente divulgadas nas edições subsequentes da publicação.

Logo em seguida, duas das revistas mais importantes do Japão na época, a *Taiyō* <sup>26</sup>(O Sol) e a *Chūō Kōron* <sup>27</sup>(Revisão Central), lançaram edições especiais dedicadas aos "problemas femininos" <sup>28</sup>(Sievers, 1983, p. 175). Em adição, segundo Freitas (2016, p.28), “Nesta época, as escritoras da *Seitō* e mulheres que se envolviam nas atividades da revista passaram a ser vistas como símbolos das “novas mulheres” no Japão.” Desta forma, com as publicações das revistas, foi possível gerar uma visibilidade dessas mulheres, contribuindo para o movimento feminista japonês.

Entretanto, a expressão "novas mulheres" passou a circular amplamente na imprensa do período, quase sempre carregada de críticas. Para grande parte da sociedade, incluindo meios de comunicação, a “nova mulher” era retratada como uma jovem desregrada e irresponsável, que utilizaria sua sexualidade de maneira negativa, ameaçando a estrutura familiar e manipulando aqueles ao seu redor para alcançar seus objetivos<sup>29</sup>, ainda que, na realidade, buscassem apenas defender direitos de independência e igualdade (Sievers, 1983, p.175-176).

---

<sup>25</sup> In the fall of 1913, without convincing unanimity, the group decided to remove from its founding statements any language that appeared to limit the magazine's mission to literature, thereby making it officially the kind of journal it had become when the year began: one that concentrated on social and political issues important to women (Sievers, 1983, p.181).

<sup>26</sup> Revista literária japonesa de interesse geral que existiu entre 1895 e 1928. É uma publicação significativa que contém principalmente críticas literárias, amostras de literatura japonesa e traduções de obras de autores internacionais.

<sup>27</sup> Revista literária japonesa publicada mensalmente. Primeiramente foi estabelecida em Meiji e continua sendo publicada até hoje. A revista publica uma grande variedade de material, incluindo romances, fotografias e reportagens baseadas em vários temas filosóficos, econômicos, políticos, culturais e sociais.

<sup>28</sup> They later reinforced this effort, sponsoring a series of lectures on women's issues in February, and covering the debates in successive editions of the magazine. In spring and summer two of the country's most important journals, *Taiyō* (The Sun) and *Chūō Kōron* (Central Review), published special issues on "women's problems" (Sievers, 1983, p. 175)

<sup>29</sup> To the public and the press, the term meant an indulgent and irresponsible young Japanese woman, who used her overdeveloped sexuality to undermine the family and to manipulate others for her own selfish ends (Sievers, 1983, p.175).

Entre os principais veículos que reforçaram essa visão foi o influente jornal *Asahi Shinbun*<sup>30</sup>, que publicava artigos advertindo que essas mulheres enfrentariam dificuldades no futuro por não seguirem os valores tradicionais femininos <sup>31</sup>(Horimoto, 1999, p. 82). Observa-se que essas representações evidenciam como o discurso público foi manipulado para manter estruturas patriarcais, enquadrando qualquer reivindicação feminina por autonomia como ameaça social. Ao reforçar estereótipos negativos as mulheres, a imprensa contribuiu em limitar a legitimidade das primeiras demandas de igualdade no Japão do período.

Apesar das críticas negativas direcionadas às "novas mulheres" e à revista *Seitō*, que até teve algumas edições banidas, a publicação continuou a ser lançada até 1916, mantendo as discussões sobre questões feministas. O impacto da revista na sociedade era tão forte que várias escolas para meninas chegaram a proibir as alunas de assinarem a revista. Naquela época, a educação para mulheres ainda tinha como objetivo formar *Ryōsai kenbo*, ou seja, mulheres que eram boas esposas e mães sábias. Segundo Freitas (2016):

A própria diretora da Faculdade Tsuda para Mulheres, Tsuda Umeko, demonstrava opiniões desfavoráveis sobre a *Seitō* e aconselhava as estudantes a não lerem a revista. Na época houve uma professora, Kamichika Ichiko, que foi expulsa de seu cargo apenas por ter participado do grupo da *Seitō* no passado. Por outro lado, a revista foi responsável por despertar a consciência de várias pessoas no Japão para os problemas das mulheres, dando força aos debates sobre questões femininas, e atraiu a atenção de muitas mulheres por focar em problemas pelos quais elas realmente passavam (Freitas, 2016, p.28).

É importante perceber que o desenvolvimento dos meios de comunicação na Era Taishō, principalmente a criação de diversas revistas, foi fundamental para as "novas mulheres". Essas revistas abriram espaços para que elas pudessem se expressar e serem ouvidas (Yukiko Tanaka, *Taishō Liberalism and Women*, 2000, p. 137). Além disso, o ambiente mais liberal da época ajudou essas mulheres a se sentirem mais seguras para começar a discutir os problemas femininos daquele período. Como resultado, a maioria das pessoas no Japão ficou sabendo das "novas mulheres" e formou diferentes opiniões sobre o que elas estavam realizando.

Além disso, naquela época, muitas mulheres japonesas queriam ter o direito de votar e participar da política, inspiradas pelos movimentos feministas que estavam acontecendo em outros países. Em 1919, *Hiratsuka Raichō* começou a lutar por essa causa e, com a ajuda de

---

<sup>30</sup> Criado em 1879, é um dos maiores jornais nacionais do Japão. O *Asahi* se posiciona como o maior jornal japonês em que as pessoas recorrem a verificar informações e acompanhar notícias.

<sup>31</sup> Japanese newspapers commented in a more negative manner. For example, the *Asahi Shimbun* commented in a series of articles entitled "Girl Students", which started on February 28, 1913. The articles concluded that the development of girls' education was responsible for the rise of new women, who would eventually face mental illness, homosexual love, and crimes, namely, corruption (Horimoto, 1999, p.82).

outras mulheres, organizou uma petição pedindo para mudar a lei que impedia as mulheres de participar da política (Mikiso Hane, *Movement for Feminine Rights*, 1992, p. 214). Segundo Freitas (2016, p.30), “No ano seguinte, foi criada a Associação das Novas Mulheres (*Shin Fujin Kyōkai*), pedindo por oportunidades iguais para mulheres e sufrágio universal feminino.” No entanto, as mulheres japonesas só conseguiram o direito de votar em 1946.

O que elas conquistaram de mais importante nesse período foi, em 1922, o direito de participar e organizar reuniões políticas, embora ainda não pudessem fazer parte de partidos políticos. Em 1924, foi organizada a Liga pela Obtenção dos Direitos Políticos das Mulheres (*Fujin Sanseiken Kakutoku Kiseidōmei*), mas ela não conseguiu alcançar seus objetivos na época (Hane, 1992, p. 214).

Freitas (2016, p.30) observa que o governo japonês não estava nem um pouco interessado em atender às demandas das mulheres. Nesse mesmo sentido, Horimoto (1999, p.105) destaca que Fujimura Yoshiaki, figura política importante, defendia que o sufrágio feminino era antipatriótico e que mulheres não deveriam participar da política. Diante disso, marcado pela ausência de apoio do governamental e pela resistência de diversos políticos, o reconhecimento do direito ao voto feminino demorou muitos anos para ser efetivado.

A ideia de *Ryōsai kenbo* continuava sendo promovida. "Até o final da Segunda Guerra Mundial, a ideia de 'boa esposa, mãe sábia' foi cada vez mais divulgada nos meios de comunicação e nas escolas, tanto públicas quanto privadas, que influenciavam os grupos mais importantes da sociedade. Essa ideia se tornou o discurso oficial sobre as mulheres no Japão<sup>32</sup>" (Uno, 1993, p. 294, tradução nossa). Em outras palavras, o modelo da boa esposa e mãe sábia ainda iria dominar a sociedade japonesa por muito tempo, mesmo com o surgimento das "novas mulheres" no país.

Além disso, as mulheres ainda não possuíam liberdade para escolher seus parceiros e enfrentavam severas restrições dentro do próprio matrimônio. Essas questões eram particularmente relevantes durante o Período Taishō, uma vez que o Código Civil continuava a submeter as mulheres ao sistema familiar tradicional. Segundo Hiromoto (1999, p.108), os temas mais recorrentes na revista *Seitō* eram a ausência de liberdade no amor e no casamento, considerados os principais problemas que afligiam as mulheres daquela época. Hiratsuka Raichō, em seus escritos, posicionou-se firmemente contra o modelo de casamento vigente na sociedade japonesa, que privava as mulheres de sua liberdade e de seus direitos. Ela incentivava

---

<sup>32</sup> until the end of World War II, ‘good wife, wise mother’ increasingly pervaded the mass media and the public and private girls’ schools, institutions that influenced the upper ranks of society, and came to constitute the official discourse on women in Japan. (Uno, 1993, p. 294)

as mulheres japonesas a seguirem seu exemplo e a resistirem a tais imposições (Sievers, 1983, p.179).

Entretanto, como já mencionado, a tradicional divisão de papéis entre marido e esposa não era tão rígida quanto se costumava supor. Desde o período Meiji, e com maior intensidade durante o período Taishō, um número crescente de mulheres passou a trabalhar fora de casa. O termo *shokugyō fujin* (職業婦人), que significa “mulheres de carreira”, surgiu em revistas e publicações do período Taishō para designar essas trabalhadoras.

Contudo, conforme observa Sandra Buckley (1993, p.348), em *Altered States: The Body Politics of “Being-Woman”*, tal expressão frequentemente carregava uma conotação negativa. A sociedade da época ainda demonstrava forte resistência em aceitar mulheres que optavam por seguir uma carreira profissional. Conforme destaca Takashi Koyama (1961, p. 99), em *The Social Position of Working Women*, tais mulheres eram muitas vezes evitadas ou consideradas inadequadas para casamento, justamente por não se alinharem ao comportamento considerado “feminino”. Desta forma, percebe-se uma restrição para com as mulheres no mercado de trabalho, além de atribuí-las a uma visão negativa por não seguirem ideais de feminilidade.

A situação começou a se transformar durante o período Shōwa, quando ocorreram avanços significativos em relação à condição das mulheres no Japão. Nesse contexto, elas conquistaram novos direitos e passaram a ser gradualmente incentivadas a ingressar no mercado de trabalho.

#### **5.4. Contexto do Período Shōwa (1926-1989)**

Durante o período Shōwa, o Japão foi governado por longos anos pelo imperador Hirohito. Nesse contexto, ocorreu a dissolução dos partidos políticos e o fortalecimento de um intenso nacionalismo, que culminou no avanço do imperialismo militar. Em 1937, o país invadiu a China, desencadeando um conflito de grande escala entre as duas nações. Posteriormente, o Japão aliou-se à Alemanha e à Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Após a rendição em 1945, o país passou a ser ocupado pelos Estados Unidos, sob o comando do general Douglas MacArthur. Segundo Pyle (1996), essa ocupação, que se estendeu por sete anos, promoveu profundas transformações políticas e sociais, incluindo um processo de democratização inspirado no modelo americano. Diante disso, as mudanças implementadas pelo novo sistema também afetaram diretamente a condição das mulheres, abrindo espaço para discussões sobre direitos civis e igualdade.

Durante a década de 1930, em meio ao fortalecimento do nacionalismo japonês, Uno (1993, p.302) observa que o sufrágio feminino passou a ser interpretado como uma ideia antipatriótica e continuavam a reforçar ideais de “boas esposas e mães sábias”, exaltando que, desta forma, haveria uma suposta superioridade das mulheres japonesas em relação às ocidentais. Nesse cenário político desfavorável, as organizações dedicadas a luta pelos direitos das mulheres interromperam suas reivindicações. Desta forma, compreende-se que durante o nacionalismo japonês, as ações políticas das mulheres foram restringidas, além de associarem as reivindicações como inadequadas e contrárias aos valores sociais. Ademais, conforme observa Sievers (1983), essas autoridades governamentais criticavam as mulheres americanas, classificando-as como egoístas por lutarem por sua liberdade.

Entre as décadas de 1930 e 1940, segundo Uno (1993), as mulheres adotaram uma postura mais estratégica, utilizando discursos centrados na maternidade para atrair a atenção pública às suas demandas e conquistar a aprovação de uma lei de proteção à maternidade. Nesse sentido, essa estratégia mostrou-se eficaz justamente por reforçar a ideia, amplamente aceita na época, de que a maternidade constituía uma das principais funções femininas. Nesta época no Japão, Freitas (2016) afirma que o papel de mãe era mais valorizado e enfatizado que o papel da esposa. Desse modo, antes da Segunda Guerra Mundial, o Japão possuía políticas nacionais onde encorajavam as mulheres terem filhos para aumentar a população.

Já durante a Segunda Guerra Mundial, “mulheres eram mobilizadas para trabalhar em fábricas de artilharia. Tomando o lugar dos homens, que eram mobilizados em número ainda maior para portar armas, mulheres preencheram papéis importantes e demonstraram suas habilidades em todos os campos de trabalho<sup>33</sup>” (Koyama, 1961, p. 99, tradução nossa). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as mulheres foram inicialmente dispensadas de suas funções nas fábricas. No entanto, devido à crise econômica que assolava o Japão no pós-guerra, muitas precisaram retornar ao mercado de trabalho para garantir o próprio sustento e contribuir para a sobrevivência de suas famílias. Como exemplo, um dos pontos positivos presentes após a guerra para as mulheres que trabalharam durante e após foi:

O requerimento por crescente participação do trabalho feminino nas indústrias nos tempos da Guerra, junto com a necessidade econômica de trabalho das mulheres para superar as dificuldades dos anos imediatamente após a Guerra,

---

<sup>33</sup> Women were mobilized to work in the ordnance factories. Taking the place of men, who were mobilized in ever greater numbers to bear arms, women filled important roles and demonstrated their abilities in all fields of labor. (Koyama, 1961, p. 99)

levaram a uma nova tolerância pública sobre a presença feminina na força de trabalho <sup>34</sup>(Buckley, 1993, p. 348, tradução nossa).

A partir de 1945, a enraizada expressão *Ryōsai kenbo* deixou de ser utilizada nas escolas para meninas no Japão (Uno, 1993, p. 303). Como havia necessidade das mulheres no mercado de trabalho, o governo parou de definir esforços para que as mulheres continuassem somente em ambientes domésticos, sendo necessária mudanças determinadas pela nova constituição.

Com a promulgação da nova constituição em 1947, elaborada sob forte influência das autoridades americanas que ocupavam o país, o Japão renunciou oficialmente à guerra e foi proibido de manter um exército permanente. Além disso, a figura do imperador passou a ser apenas simbólica e sagrada, destituída de qualquer poder político (Pyle, 1996). Para os direitos das mulheres no Japão, a constituição foi um ponto decisivo. Um dos artigos estabelecia: “Todas as pessoas são iguais perante a lei e não deve haver nenhuma discriminação em relações políticas, econômicas ou sociais devido a raça, credo, sexo, status social ou origem familiar<sup>35</sup>” (Buckley, 1993, p.347, tradução nossa).

A nova Constituição também determinou que o casamento deveria ocorrer apenas com o consentimento mútuo dos envolvidos e ser fundamentado na igualdade de direitos entre marido e esposa. Assim, representou um avanço significativo para os direitos das mulheres no período pós-Segunda Guerra Mundial. Além disso, as mulheres conquistaram novos direitos políticos, passando a poder participar da política em 1945 e exercer o direito ao voto em 1946. Em 1947, foram implementadas novas leis trabalhistas com o objetivo de incentivar a permanência feminina no mercado de trabalho. Essas normas incluíam a redução da carga horária, licenças maternidade e menstrual, além da proibição do trabalho noturno (Koyama, 1961, p.21).

## 5.5. Literatura pós Segunda Guerra

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão estava passando por grandes transformações, tanto econômicas, quanto militares por conta da ocupação americana no país. O objetivo das forças de ocupação era democratizar e desmilitarizar o Japão. De acordo com Mônica Setuyo

---

<sup>34</sup> The requirement for increased female labor participation in the wartime industries together with the economic necessity of women's work to meet the hardships of the immediate postwar years led to a new public tolerance toward a female presence in the work force. (Buckley, 1993, p. 348)

<sup>35</sup> All of the people are equal under the law and there shall be no discrimination in political, economic or social relations because of race, creed, sex, social status or family origin. (Buckley, 1993, p.347)

Okamoto (2007), em *Breve análise dos reflexos da Segunda Guerra Mundial nas obras literárias japonesas*:

Eles queriam derrubar qualquer vestígio da antiga estrutura política e social nipônica que fora a promotora do imperialismo japonês na Ásia. Obviamente, com isso, criou-se um clima de medo e insegurança na população japonesa que se encontrava desorientada quanto ao futuro de sua nação. (Okamoto, 2007, p.140)

Antes da derrota do Japão, durante a década de 1930, o país possuía políticas que censuravam qualquer meio que se opusesse ao governo, e havia um incentivo aos escritores japoneses para produzir propagandas sobre a guerra, glorificando os atos do país. Ainda, o governo utilizava de tradições feudais japonesas, como destaca Okamoto (2007), “Um outro recurso foi resgatar o passado histórico das tradições feudais japonesas como meio de intervenção na opinião pública. As sagas de samurais legendários foram os preferidos, normalmente publicados em séries nos jornais de grande circulação.”

Alguns tentaram resistir ao regime de censura imposto, assim como Kobayashi Takiji<sup>36</sup>, no entanto, foram presos e mortos. Além disso, em 1941, o racionamento do papel foi um problema para continuação da produção literária no país. No entanto, após 1945 a vida literária japonesa seguiu um novo rumo. Okamoto (2007) traz que durante esse período:

Novas revistas foram fundadas ou restabelecidas tendo como base: a reconstrução, o período de humanismo e as reflexões sobre as consequências da guerra do Pacífico para a nação japonesa. Esses temas foram os carros-chefes que conduziram os artistas a produzirem não somente livros sobre o assunto, mas a consciência social da geração pós-guerra. (Okamoto, 2007, p.141)

Passando por diversas transformações após a guerra, a derrota vivenciada após a rendição do país fez com que a população caísse em estado de vergonha e desonra. Desta forma, três gerações de escritores foram criadas, cada uma delas representando diferentes reflexões em relação a derrota. De acordo com o site da Embaixada do Japão no Brasil, em *Uma Longa e Rica História e um Presente Emocionante*, a primeira geração foi formada por autores como

---

<sup>36</sup> Autor japonês de literatura proletária. Sua principal obra é *Kani Kōsen*, ou O navio-fábrica caranguejeiro, publicado em 1929. O jovem escritor morreu em decorrência de torturas após ser preso pela polícia de *Tokkō*, com 29 anos de idade.

Noma Hiroshi<sup>37</sup> e Ooka Shohei<sup>38</sup>, a segunda geração por Abe Kobo<sup>39</sup> e Mishima Yukio<sup>40</sup>, e a partir da década de 50, a terceira geração foi formada por Kojima Nobuo<sup>41</sup>, Yasuoka Shotaro<sup>42</sup>, Yoshiyuki Junnosuke<sup>43</sup> e Shimao Toshio<sup>44</sup>.

No início dos anos 1990, quando o país ainda se via mergulhado em tristeza, surgiram mulheres que passaram a refletir sobre as influências da guerra, sobre as perdas e a sociedade de Shōwa. É neste contexto que pode-se destacar a autora Sawako Ariyoshi (1931-1984). De acordo com Afonso (2018) sobre a autora:

A autora é reconhecida por seu engajamento social devido aos temas discutidos em suas obras, como poluição, preconceito racial, miséria, contaminação de alimentos e tabus sócio-político japoneses de armamento e problemas enfrentados pelos idosos. No que diz respeito aos problemas femininos, a autora estava décadas à frente. (Afonso, 2018, p.39)

Entre as obras produzidas por Sawako, há *Hanaoka Seishū no Tsuma* (華岡青洲の妻 – A esposa do doutor, tradução livre) e os contos *Jiuta* (地歌 - 1956 em japonês, O Canto da Terra) de 1994. O primeiro é uma ficção baseada em fatos reais, que conta a história entre a mãe e a esposa de um médico que utilizou a anestesia como procedimento científico antes que qualquer outro país. Enquanto O Canto da Terra é a história de um pai e a filha que estão tentando viver uma arte tradicional que está desaparecendo. A antologia dos contos foi a primeira obra lançada pela autora, e com essa obra ganhou o Prêmio *Akutagawa* em 1956.

Também nesse período, pode-se ressaltar a autora Yōko Tawada, que possui uma abordagem diferente de Sawako, pois suas obras não têm como foco as influências da guerra. Ela passou a se destacar e em 1991, com a obra *Kakato wo Nakushite* (かかとを失くして – Salto alto desaparecido, tradução livre) ganhou seu primeiro prêmio, o Prêmio de Literatura

---

<sup>37</sup> Foi poeta, romancista e ensaista japonês. De acordo com o estudioso literário Dooug Slaymaker, Noma é amplamente creditado por ter descoberto ou inventado a Bungaku Sengo (literatura do pós-guerra) no Japão.

<sup>38</sup> Foi um romancista japonês, crítico literário, conferencista e tradutor de literatura francesa que atuou durante o período Shōwa.

<sup>39</sup> Pseudônimo de Kimifusa Abe, foi um romancista e dramaturgo japonês e um dos líderes do vanguardismo. Seu conhecimento da literatura ocidental, do existencialismo, do surrealismo e do marxismo moldaram sua posição diante dos problemas de perda de identidade no Japão do pós-guerra.

<sup>40</sup> Kimitake Hiraoka, mais conhecido como Yukio Mishima, foi romancista, dramaturgo e fundador da Tatenokai, uma entidade de extrema-direita.

<sup>41</sup> Escritor proeminente do pós-guerra. Descreveu sobre os efeitos da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial na psique do país.

<sup>42</sup> Escritor importante na literatura japonesa do pós-guerra. Em 2001, Yasuoka foi reconhecido pelo governo japonês como uma Pessoa de Mérito Cultural.

<sup>43</sup> Foi um romancista e contista japonês e membro da chamada "Terceira Geração de Escritores do Pós-guerra".

<sup>44</sup> Romancista japonês que participou como oficial de um esquadrão naval de Kamikaze na Segunda guerra. Suas experiências inspiraram seus trabalhos.



*Gunzō Shinjin Bungakushō* (群像新人文学賞), que reconhece novos escritores. Além disso, recebeu o Prêmio *Akutagawa* em 1993, com o livro *Inu muko iri* (犬婿入り – *Tosa de cachorro*, tradução livre). Posteriormente, seu trabalho foi reconhecido por meio dos prêmios *Izumi Kyōka Bungakushō* (泉鏡花文学賞 – Prêmio Literário Izumi Kyōka) e *Tanizaki Jun'ichirō Shō* (谷崎潤一郎賞 – Prêmio Tanizaki Jun'ichirō), sendo reconhecida não somente no Japão, mas também na Alemanha.

Pode-se citar muitas outras autoras que produziram obras durante o pós-guerra, por isso elas foram abordadas no seguinte tópico sobre literatura contemporânea.

## 5.6. Literatura Contemporânea

Com o fim da Segunda Guerra e com ela as mudanças que modificaram o pensamento japonês, surgiu uma nova era na literatura. Nos primeiros anos em que ainda havia efeitos da guerra e da derrota, predominavam obras que relatavam experiências pessoais dos tempos de guerra. Após 10 anos, Meiko Shimon (1997), em *130 anos - Uma trajetória da Literatura Japonesa Moderna*, afirma que “o clima de anarquia havia desaparecido devido à melhoria da situação econômica do país, iniciando-se realmente o período da Literatura Contemporânea japonesa.”

Ainda de acordo com Shimon (1997), um fenômeno que diferenciou a popularização da literatura antes e após a guerra foi a expansão do número de leitores e o desenvolvimento dos meios de comunicação. Os escritores tornaram-se astros populares, produzindo romances ao gosto do público, com um estilo mais leve e acessível. Shimon (1997) destaca que:

Os mais jovens que surgiram durante ou depois da guerra, na sua maioria, foram levados por esta torrente da literatura de massa. Poucos se preocuparam em manter a continuidade da "literatura-arte". Os escritores da nova geração que pertencem a essa minoria têm como precursor Mishima Yukio (1925-1970), seguidos por Abe Kōbō (1924-1993) e Ōe Kenzaburo (1935-2013), os autores que hoje alcançaram o renome internacional, sendo conhecidos também no Brasil. (Shimon, 1997, p.117)

Antes da Segunda Guerra, poucas obras clássicas japonesas eram conhecidas no Ocidente, como *Genji monogatari* e *Makura no Sōshi*, além dos haicais<sup>45</sup>. Após o evento, ocorreu como fenômeno da nova era, a internacionalização da literatura japonesa, sendo

---

<sup>45</sup> Poemas curtos de origem japonesa, tradicionalmente com três versos e a contagem de sílabas poéticas de 5-7-5.

diversas obras traduzidas para outras línguas estrangeiras. De acordo com Shimon (1997), antes da tradução para o inglês de *Yukiguni* (1937, *O país da neve*), de Kawabata Yasunari, nenhuma obra da literatura moderna japonesa era conhecida no Ocidente.

Durante esse período, autores influentes como Ōe Kenzaburo<sup>46</sup> e Etō Jun<sup>47</sup> possuíam opiniões que criticavam fortemente o que a literatura japonesa estava se tornando. Pode-se perceber as opiniões deles no seguinte trecho, onde Stephen Snyder (*Contemporary Japanese fiction*, 2016) afirma:

Seus comentários ecoam um pouco mais tarde na caracterização de Ōe das obras da nova geração de escritores como "meros reflexos da vasta cultura consumista de Tóquio". Apesar de suas diferenças políticas, Etō e Ōe compartilhavam a suposição de que a literatura "séria" ou "pura" deveria buscar representar e engajar a cultura nacional, e que essa nova ficção tinha outras ambições – ou nenhuma ambição. Em 1990, Ōe se preocupava com o fato de que a literatura séria e o público literário haviam entrado em declínio crônico, enquanto uma nova tendência emergia nos últimos anos. Esse estranho novo fenômeno é em grande parte econômico, refletido no fato de que cada um dos romances de certos jovens escritores como Haruki Murakami e Banana Yoshimoto vende centenas de milhares de cópias.<sup>48</sup> (Snyder, 2016, p.761, tradução nossa).

A passagem evidencia a tensão entre a literatura considerada “séria” e a nova ficção voltada ao mercado, mostrando como autores como Etō e Ōe viam o crescimento dessa produção com preocupação. Para eles, o sucesso comercial de escritores como Murakami e Yoshimoto simbolizava uma mudança nos valores literários do Japão, marcada pela influência da cultura consumista e pelo declínio do público leitor tradicional. Além disso, sobre este “Declínio da Literatura” Snyder (2016) declara que:

O "declínio da literatura séria" reflete o fato de que as distinções entre *junbungaku* e *taishu bungaku* (ficção de massa) estavam se tornando cada vez mais irrelevantes. Nesse período, o *taishu bungaku* tradicional havia evoluído amplamente para seus componentes genéricos – ficção científica, mistério, ficção histórica popular, romance – e estes estavam sendo reconfigurados em uma categoria emergente que passou a ser chamada de *entateinmento bungaku* (literatura de entretenimento). Mas de igual importância é o fato de que escritores emergentes ignoraram cada vez mais as fronteiras entre ficção séria

---

<sup>46</sup> Foi um escritor japonês e uma figura importante na literatura japonesa contemporânea, conhecido pelo romance *Uma Questão Pessoal*.

<sup>47</sup> Atsuo Egashira, conhecido por seu pseudônimo Jun Etō, foi um escritor e crítico literário japonês ativo no período Shōwa e no início do período Heisei.

<sup>48</sup> His comments are echoed somewhat later in Oe's characterization of the works of the new generation of writers as "mere reflections of the vast consumer culture of Tokyo." Despite their political differences, Eto and Oe shared an assumption that "serious" or "pure" literature should seek to represent and engage the national culture, and that this new fiction had other ambitions – or no ambitions at all. By 1990, Oe worried that serious literature and a literary readership have gone into a chronic decline, while a new tendency has emerged over the last several years. This strange new phenomenon is largely an economic one, reflected in the fact that each of the novels of certain young writers like Haruki Murakami and Banana Yoshimoto sell several hundred thousand copies. (Snyder, 2016, p.761)

e popular, frequentemente transitando livremente do *junbungaku* para gêneros populares ou combinando elementos de vários gêneros em uma única ficção.<sup>49</sup> (Snyder, 2016, p. 761, tradução nossa).

Ou seja, não havia mais preocupação de autores em somente produzir literatura “erudita”, podendo intercalar em diversos estilos para trazer entretenimento aos leitores. As práticas de componentes genéricos dentro da literatura continuaram com as gerações seguintes, embora a diferenciação entre *Junbungaku* (literatura erudita) e ficção popular persiste sendo tópico de debate. Snyder (2016) deixa claro que “a distinção permanece relevante principalmente nas divisões de prateleiras de livrarias, em prêmios literários e em periódicos literários de alta cultura que têm investimentos persistentes na identificação com a literatura de alta qualidade.” (*Contemporary Japanese fiction*, p.762, tradução nossa). Em adição, Snyder ainda salienta que:

Ao destacar para crítica as vendas dos livros de Murakami Haruki e Yoshimoto Banana (nascida em 1964), Oe identificou os fatores estéticos e econômicos em transformação que impulsionaram os desenvolvimentos na ficção desde 1980. Após estreias notáveis, Murakami e Yoshimoto, juntamente com outros escritores como Murakami Ryu, Yamada Eimi (nascida em 1959) e Shimada Masahiko (nascido em 1961), construíram carreiras que transcenderam as categorias literárias tradicionais e inauguraram a noção de *bungaku aidoru* (ídolo literário), que moldou as práticas editoriais e o público leitor nas últimas três décadas.<sup>50</sup> (Snyder, 2016, p. 762, tradução nossa).

Também é importante perceber, de acordo com Afonso (2018), que as autoras que surgiram nos períodos subsequentes, possuíram uma condição financeira e intelectual privilegiadas, tendo em conta que no passado era muito difícil para uma mulher ter o acesso à educação e independência. Afonso (2018, p.39) afirma que “Suas formações acadêmicas em escolas de alto padrão e as oportunidades de viajar e conhecer outras culturas, parecem ser uma característica comum a essas autoras”. Desta forma, essas escritoras puderam se desenvolver e

---

<sup>49</sup> The “decline in serious literature” reflects the fact that distinctions between *junbungaku* and *taishu bungaku* (mass fiction) were becoming increasingly irrelevant. By this period traditional *taishu bungaku* had largely evolved into its generic components – science fiction, mystery, popular historical fiction, romance – and these were being reconfigured in an emerging category that came to be called *entertainment bungaku* (entertainment literature). But of equal importance is the fact that emerging writers increasingly ignored the boundaries between serious and popular fiction, often moving freely from *junbungaku* to popular genres or combining elements of various genres in a single fiction. (Snyder, 2016, p. 761)

<sup>50</sup> In singling out for criticism the sales of books by Murakami Haruki and Yoshimoto Banana (b. 1964), Oe identified the changing aesthetic and economic factors that have driven developments in fiction since 1980. After conspicuous debuts, Murakami and Yoshimoto, along with other writers such as Murakami Ryu, Yamada Eimi (b. 1959), and Shimada Masahiko (b. 1961), built careers that transcended traditional literary categories and inaugurated the notion of the *bungaku aidoru* (literary idol) that has shaped publishing practices and readership in the last three decades. (Snyder, 2016, p. 762)

trazer princípios feministas na escrita delas. Assim, pode-se citar algumas autoras da nova geração e prováveis percussoras da literatura japonesa.

Autoras como Yoshimoto Banana e Yamada Eimi tiveram o início da carreira quase tão influente quanto de Haruki Murakami no estabelecimento de padrões de celebridade literária. Yoshimoto com seu romance de estreia *Kitchin* (キッチン - *Kitchen*, 1987, trad. 1995), ela apresentou muitos dos temas relativamente sérios que ela continuou a examinar ao longo de sua carreira, como amor, ambiguidade sexual e a fragilidade da vida. De acordo com Snyder (2016, p.763, tradução nossa), “[...] sua obra a tornou um sucesso instantâneo e duradouro entre uma nova geração de leitores, ao mesmo tempo em que desafiava as noções tradicionais de seriedade literária.”<sup>51</sup>

Já Yamada passou a produzir obras sobre relações sadomasoquistas entre mulheres japonesas e homens afro-americanos em obras como *Beddo taimu aizu* (ベッドタイムアイズ – *Olhos na hora de dormir*, 1985) e *Torasshu* (トラシュ - *Lixo*, 1991). Snyder (2016) afirma que Yamada e Yoshimoto compartilhavam de uma estreia literária sensacional e uma alta ascensão à celebridade que redefiniu a forma da indústria editorial e os próprios padrões criativos.

Kawakami Hiromi, nascida em 1958, produz obras que variam entre ficção científica e romance, mas a tendência para a fantasia é representativa de uma tendência dominante na ficção após Murakami. A obra *Hebi o Fumu* (蛇を踏む – *Pisar em uma cobra*, 1996, tradução livre) produzida por ela foi ganhadora do prêmio *Akutagawa*, além de receber o prêmio *Tanizaki* em 2001 pela obra *Sensei no Kaban* (センセイの鞆 - *A Valise do Professor*), vertido e publicado no português por Jefferson José Teixeira. Em 2010 também para o português, teve traduzido e publicado *Furudōku Nakano Shōten* (古道具中野商店 - *Quinquilharias Nakano*), pelo mesmo tradutor.

Uma outra autora que foi influenciada por Haruki Murakami foi Kaori Ekuni (1964), que oferece representações peculiares da vida cotidiana e dos relacionamentos em obras como *Tokyo Tawa* (東京タワー – *Torre de Tóquio*, 2001, tradução livre) e *Kira kira hikaru* (きらきらひかる – *Brilha Brilha Luzinha*, 1992, tradução livre).

---

<sup>51</sup> [...] her work made her an instant and enduring success with a new generation of readers while also challenging traditional notions of literary gravity. (Snyder, p.763, 2016)

Ryu Murakami também não deixou de influenciar na literatura pós-bolha do entretenimento. Essa influência pode ser percebida na escritora Hitomi Kanehara, nascida em 1983. De acordo com Snyder (2016, p.764-765, tradução nossa), as obras de Kanehara “[...] se concentram na violência e no comportamento antissocial nas margens da sociedade japonesa, muitas vezes inspirados por notícias de crimes sensacionais ou tendências sociais perturbadoras.<sup>52</sup>” Kanehara se tornou a autora mais jovem a ganhar o prêmio *Akutagawa* com *Hebi ni piasu* (蛇にピアス - *Cobras e piercings*) em 2003. A obra que retrata as experiências de uma jovem obcecada por piercings e sexo violento, deve-se muito às primeiras obras de ficção de Ryu Murakami em tom e conteúdo, bem como às primeiras obras de Yamada Eimi.

Minae Mizumura, nascida em 1951, foi criada nos Estados Unidos, mas logo voltou ao Japão. Ela iniciou sua carreira escrevendo uma continuação do romance inacabado de Natsume Souseki, *Meian* (明暗 - *Luz e Escuridão*, 1990, tradução livre). Com a obra “*Watakushi Shousetsu from Left to Right*” (*Um romance da esquerda para a direita*, 1995, tradução livre) e *Honkaku shousetsu* (本格小説 - *Um romance verdadeiro*, 2002, tradução livre), Mizumura demonstra seu profundo conhecimento da tradição literária japonesa ao confrontar um complexo panorama histórico e cultural e sugerir que ainda existe um público leitor mais sofisticado literariamente na era da comercialização. Seu recente *Haha no isan* (母の遺産 - *Herança da minha mãe*, 2012, tradução livre) trata da dificuldade de cuidar de uma mãe idosa, sugerindo os tipos de temas que a ficção japonesa enfrentará nos próximos anos.

Yōko Ogawa, a autora escolhida para esta pesquisa, desenvolveu seu interesse por literatura na adolescência. A obra “O diário de Anne Frank” foi muito importante, pois teve grande impacto e inspirou sua escrita. Ela se formou em Literatura na Universidade de Waseda, onde se envolveu com grupos literários e conheceu a produção de escritores como Murakami, Kanai e Ōe. Ao longo da carreira, Ogawa recebeu diversos prêmios importantes de literatura, como o Yomiuri, Izumi Kyōka e Tanizaki. Além disso, já ganhou o prêmio *Akutagawa* por *Ninshin Karenda* (妊娠カレンダー - *Diário da Gravidez*, 1991, traduzido em 2023) em 1991, tornando-se a primeira escritora na casa dos vinte anos a receber essa premiação no pós-guerra. Snyder (2016) afirma que, como em muitas obras posteriores de Ogawa de ficção japonesa

---

<sup>52</sup> [...] focus on the violence and antisocial behavior at the margins of Japanese society, often inspired by news accounts of sensational crimes or disturbing social trends. (Snyder, 2016, p.764-765)

contemporânea, a história normalmente é narrada pela voz de uma jovem emocionalmente distante, que se assemelha em espírito ao narrador em primeira pessoa característico de Haruki Murakami. Desta maneira, a escrita de Ogawa destaca emoções e relações humanas, com estilo denso, descritivo e vocabulário cuidadosamente escolhido. Ainda de acordo com Snyder:

O estilo narrativo de Ogawa, assim como o de Murakami, também justapõe descrições detalhadas da vida cotidiana — comida ou atividades domésticas — com elementos perturbadores e fantásticos da trama. Ogawa afirmou que sua ficção não se passa no Japão, mas em mundos criados por ela mesma.<sup>53</sup>(Snyder, 2016, p. 764, tradução nossa).

Já nos anos 2000, o mundo literário mudou completamente, pois metade dos dez livros mais vendidos em 2007 eram romances originados do *Keitai shōsetsu* (romances para celular). Nesta época, esses romances tiveram uma grande visibilidade, pois eram histórias curtas e fáceis de ler. Conforme Snyder (2016, p.767), as vendas de livros – tanto populares quanto romances eruditos – diminuíram nos últimos anos. Para complementar, Snyder (2016) destaca que:

A ficção impressa compete cada vez mais — muitas vezes com sucesso limitado — pela atenção não apenas com mangás e romances para celular, mas também com jogos de computador, ficções em hipertexto e outras formas de entretenimento narrativo, e as editoras japonesas, como suas contrapartes em todo o mundo, lutam para se adaptar ao novo ambiente.<sup>54</sup>(Snyder, 2016, p. 767, tradução nossa).

Neste capítulo, explorou-se a rica e diversificada história da literatura feminina japonesa, desde as obras clássicas, até autoras contemporâneas que desafiam as convenções, possuindo cada uma sua individualidade. A partir de todo contexto histórico, pode-se perceber como as escritoras japonesas têm abordado temas como identidade, tradição, modernidade e as complexidades da experiência feminina. Desta forma, a compreensão da literatura feminina japonesa é essencial para uma visão ampla sobre a cultura, a sociedade e as mulheres do Japão. Com sua riqueza e diversidade, continua a inspirar e a desafiar, oferecendo um mundo de experiências e emoções que enriquecem o entendimento da condição humana.

Ao traçar este panorama, se estabeleceu um contexto fundamental para analisar a recepção das obras de Yōko Ogawa no Brasil. As características da literatura feminina japonesa,

---

<sup>53</sup> Ogawa's narrative style, like Murakami's, also juxtaposes detailed descriptions of everyday life – food or domestic activity – with disturbing and fantastic plot elements. Ogawa has said that her fiction is set not in Japan but in worlds of her own creating. (Snyder, 2016, p. 764)

<sup>54</sup> Fiction in print form increasingly competes – often with limited success – for attention not only with manga and cellphone novels but with computer games, hypertext fictions, and other forms of narrative entertainment, and Japanese publishers, like their counterparts around the world, struggle to adapt to the new environment. (Snyder, 2016, p. 767)

como a sensibilidade, a exploração de temas universais e a capacidade de refletir as transformações sociais, fornecem um valioso ponto de partida para entender como as obras de Ogawa se inserem nesse contexto.

## 6. ENTRE SILÊNCIO E MEMÓRIAS: QUEM É YŌKO OGAWA

Yōko Ogawa nasceu na cidade de Okayama, no dia 30 de março de 1962. Atualmente, ela vive em Ashiya, província de Hyōgo, com seu marido e filho. Foi criada em ambiente religioso por interferência do avô e do pai, passando a infância seguindo premissas da religião originária da fé Xintoísta. Durante a adolescência, os preceitos religiosos já não influenciavam mais a vida de Ogawa.

Ainda na adolescência, ela começou a consumir literatura infantil durante seus anos na escola primária. No entanto, durante o ensino médio, começou a ler os escritos de Anne Frank. Segundo o artigo *The strange case of Yōko Ogawa and Anne Frank* (O estranho case de Yōko Ogawa e Anne Frank), do jornal *The Sidney Morning Herald*, a autora é uma grande admiradora da obra *O diário de Anne Frank*, com o qual teve seu primeiro contato na adolescência. Ogawa ficou tão impressionada com a história que passou a produzir o próprio diário. Além da obra ser um refúgio para a autora, também se tornou inspiração para a escrita dela.

No dossiê da Fundação Japão (2024) sobre a escritora, Ogawa afirma que “O coração e mente de Anne eram tão ricos”, e continua “Seu diário prova que pessoas podem crescer mesmo em situações de confinamento como aquela. E escrever poderia dar às elas liberdade”. Com o diário que ela passou a escrever, iniciou sua carreira como escritora buscando registrar as experiências dela de forma fiel, gradualmente percebendo que escrever histórias se inicia no próprio ato de transformar memórias em palavras.

O percurso literário de Ogawa iniciou com sua leitura de literatura infantil e o contato com o *Diário de Anne Frank* (1947). Durante o ensino médio, segundo Diana Donath (2012, p.11), seus autores favoritos eram Hagiwara Sakutarō<sup>55</sup>, Ōka Makoto<sup>56</sup> e Kanai Mieko<sup>57</sup>. Thiago de Souza Carneiro (2022), em *O Museu Temático de Yoko Ogawa: a morte, a memória e o silêncio*, afirma que a autora era uma leitora voraz e consumia durante a adolescência

---

<sup>55</sup> Foi um poeta japonês da era Taishō e o período Shōwa. Reconhecido como introdutor do verso livre na literatura japonesa, libertou-a das suas regras tradicionais, sendo considerado o "pai da poesia coloquial moderna no Japão".

<sup>56</sup> Poeta e crítico literário japonês.

<sup>57</sup> Escritora, poetisa e crítica literária japonesa. Construiu uma reputação como autora “abstrata” ou “surrealista”.

poemas escritos por poetas contemporâneos. Além disso, também manteve contato com “os poemas escritos do Manyōshū, uma coleção de poemas antigos”. (Ogawa, 2018, p. 63).

Nos anos 80, Yōko Ogawa começou a cursar Licenciatura em Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Waseda, em Tóquio. Durante seu tempo como universitária, ela morou em um dormitório para mulheres de Konkōkyō<sup>58</sup>. Ela também se juntou à Sociedade Literária Contemporânea e começou a ler trabalhos de escritores japoneses contemporâneos, como Haruki Murakami, Kanai Mieko, Ōe Kenzaburō, entre outros. (Ogawa, 2018, p.64)

Em Kurashiki, na prefeitura de Okayama, Ogawa começou a trabalhar como secretária para a Universidade de Medicina de Kawasaki. Em 1986, aos 24 anos, casou-se com um engenheiro que trabalhava na empresa siderúrgica de Kawasaki. Após se casar e virar dona de casa, Ogawa largou o emprego e passou a se dedicar a escrita. Foi em 1988 que ela fez sua estreia oficial no mundo literário japonês, ganhando o Prêmio *Kaien* para Novos Escritores por sua publicação de *Agehachō ga kowareru toki* (揚羽蝶が壊れる時 - *Quando uma Borboleta se Quebra*, tradução livre). Esse trabalho foi seu projeto de graduação, que ela reeditou antes de se inscrever para o prêmio. Durante a escrita de seu primeiro romance, ela também deu à luz um filho. (Ogawa, 2018, p. 64)

Durante a vida de Ogawa, muitas de suas obras foram indicadas para premiações e muitas delas também foram premiadas. Em 1989, publicou dois livros *Kanpeki na byōshitsu* (完璧な病室 - *Quarto de Hospital Perfeito*, tradução livre) e *Samenai kōcha* (冷めない紅茶 - *Chá que Não Esfria*, 1990, tradução livre), ambos sendo indicados ao prêmio *Akutagawa*, um dos mais prestigiosos prêmios de Literatura Japonesa. Contudo, foi apenas em 1991 que Ogawa conseguiu essa realização, com seu trabalho *Ninshin Karendā* (妊娠カレンダー - *Diário de Gravidez*). Entre as escritoras na casa dos vinte anos, a autora foi a primeira a receber este prêmio desde o pós-guerra.

Após conquistar o prêmio *Akutagawa*, a obra *Hakase no aishita sūshiki* (博士の愛した数式 - *A fórmula preferida do professor*, 2003), foi um dos best-sellers da autora que a tornou popular no Japão e lhe rendeu o prêmio literário *Yomiuri* e o *Japan Bookseller's Award*. Yōko Ogawa também recebeu com *Burafuman no maisō* (ブラフマンの埋葬 - *Funeral de Brahma*,

---

<sup>58</sup> Instituição religiosa japonesa que tem raízes no Xintoísmo.



tradução livre) de 2004 o Prêmio *Izumi Kyōka* e com *Miina no kōshin* (ミーナの行進 - *A Marcha de Mina*, tradução livre) de 2006, recebeu o Prêmio *Tanizaki* (Donath, 2012, p.12). Em 2012, a autora recebeu o prêmio de Incentivo à Arte do Ministério da Educação com a publicação *Kotori* (ことり) - *Pequeno pássaro*, tradução livre). Além disso, em 2021 Ogawa recebeu, junto de outras pessoas, uma medalha de honra ofertada pelo governo japonês, por mérito de excelência a respeito às artes e literatura produzida por ela. Com isso, Carneiro (2022) destaca que “Yōko Ogawa é considerada uma das novelistas mais influentes da literatura japonesa contemporânea.”

Ogawa se tornou uma autora influente tanto dentro, como fora do Japão. Seus trabalhos foram publicados na prestigiada revista *The New Yorker* (30 de agosto de 2004; 26 de dezembro de 2005) e um de seus contos foi adaptado para um filme francês (*L'Annuaire*, 2005). Ademais, a escritora conta com mais de quarenta livros de ficção, romance e não-ficção, sendo uma lista extensa em diferentes línguas. Em japonês há quase cinquenta publicações e atualmente existem produções em inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, coreano e português. Em suas obras Ogawa sempre toma cuidado com a escrita, assim como afirma Carneiro (2022):

Seus ensaios sempre contam com a perspectiva da autora em possuir um cuidado extremo com sua seleção vocabular, do mesmo modo que isso transparece em seus livros. Suas descrições, suas percepções e seu cuidado com o leitor atento tornam os seus livros densos e magníficos se bem aproveitados por aqueles que gostam de admirar uma boa leitura. (Carneiro, 2022, p.9)

Ambos os trabalhos *Gibusu o uru hito* (ギブスを売る人 - *O Homem que Vendia Aparelhos*, 1998, tradução livre) e *Toranjitto* (トランジット - *Trânsito*, 1996, tradução livre), foram publicados pela *The New Yorker*, e Ogawa ficou reconhecida como um dos três escritores que tiveram trabalhos publicados pela revista, dividindo espaço com Ōe Kenzaburō e Haruki Murakami. Ainda, Carneiro (2022) reforça sobre esse feito: “Autores que, como podemos ver, além de serem contemporâneos à escritora, tiveram seus trabalhos ressoados nos escritos dela. Em outras palavras, é significativo Ogawa dividir espaço junto daqueles dos quais ela consumiu seus escritos e se inspirou.”

Vale destacar que o título *A fórmula preferida do professor*, foi levado às telas cinematográficas em 2006 e foi dirigido por Takashi Koizumi, sendo o professor protagonizado por Akira Terao, conhecido por atuar em filmes de Akira Kurosawa. Segundo Carneiro (2022), a versão em inglês da obra *A polícia da Memória* foi nomeada finalista do Prêmio Nacional do

Livro de Literatura Traduzida em 2019, bem como do Prêmio *Internacional Booker* de 2020. Também foi nomeado finalista em 2020 do *World Fantasy Award*, sendo a tradução feita por Stephen Snyder, tradutor de outros trabalhos de Yōko Ogawa em inglês.

Ogawa tem como foco dar mais ênfase nas emoções do que em ações, ela dissecas as relações humanas e constrói personagens que crescem a partir de adversidades que acontece ao cotidiano. Seus personagens geralmente não possuem nomes e são referidos a ocupação ou posição social. A autora analisa o exterior e o interior, num estilo literário muito denso e descritivo, com muito cuidado na escolha do vocabulário. De acordo com o Dossiê da Fundação Japão (2022) sobre os personagens de Ogawa: “Ogawa constrói personagens complexos e únicos, com traços psicológicos bem definidos, que nos convida a refletir sobre a condição humana. Lendo seus livros, a sensação é de que cada personagem vai sendo construído de forma metódica, camada por camada.”

Desta forma, ao falarmos de obras produzidas por Ogawa, podemos destacar conceitos como: memória, recordação, relação humana, fragilidade humana, morte, suspense, distopia, resignação, entre outros que estão presentes em seus trabalhos. Diante disso, pode-se afirmar que Ogawa consegue manter um cuidado com as palavras e que transmite ao leitor todo o significado, desde construções de ambientes a relações humanas, do mundo construído em suas obras. No entanto, os conceitos acima não serão trabalhados nesta pesquisa, pois tem como foco a recepção das obras da autora. Em seguida, um levantamento dos trabalhos de Ogawa foi traçado com o objetivo de compreender a amplitude de sua produção literária.

**Quadro 1 - Trabalhos de Yōko Ogawa**

<b>Título</b>	<b>Ano da publicação</b>	<b>Editora</b>	<b>Tradução livre</b>
揚羽蝶が壊れる時 - <i>Agehachō ga kowareru toki</i>	1989	Fukutake shoten	Quando uma Borboleta se Quebra
完璧な病室 - <i>Kanpeki na byōshitsu</i>	1989	Fukutake shoten	Quarto de Hospital Perfeito

冷めない紅茶 - <i>Samenai kōcha</i>	1990	Fukutake shoten	Chá que Não Esfria
ダイビング・プール - <i>Daibingu pūru</i>	1990	Bungei shunjū	Piscina de Mergulho
妊娠カレンダー - <i>Ninshin karendā</i>	1990	Bungei shunjū	Diário de Gravidez
シュガータイム - <i>Shugā taimu</i>	1991	Chūō kōron shinsha	Hora do Açúcar
ドミトリー - <i>Domitorii</i>	1991	Bungei shunjū	Dormitório
夕暮れの給食室と 雨のプール - <i>Yūgure no kyūshokushitsu to ame no pūru</i>	1991	Bungei shunjū	A Cafeteria ao Entardecer e a Piscina na Chuva
余白の愛 - <i>Yohaku no ai</i>	1991	Fukutake shoten	Amor à Margem
アンジェリーナ・ 佐野元春と10の 短編 - <i>Anjeriina - Sano Motoharu to 10 no tanpen</i>	1993	Kadokawa shoten	Angelina Sano e 10 Contos
妖精が舞い降りる 夜 - <i>Yōsei ga maioriru yoru</i>	1993	Kadokawa shoten	A Noite em que as Fadas Descem

薬指の標本 - <i>Kusuriyubi no hyōhon</i>	1994	Shinchōsha	Espécime de Dedo Anelar
六角形の小部屋 - <i>Rokkakukei no kobeya</i>	1994	Shinchōsha	Pequeno Quarto Hexagonal
密やかな結晶 - <i>Hisoyaka na kesshō</i>	1994	Kōdansha	Polícia da Memória
アンネ・フランク の記憶 - Anne <i>Furanku no kioku</i>	1995	Kadokawa shoten	A Memória de Anne Frank
ホテル・アイリス - <i>Hoteru Airisu</i>	1996	Gakushū kenkyūsha, Gentōsha	Hotel Íris
刺繍する少女 - <i>Shishū suru shōjo</i>	1996	Kadokawa shoten	Menina Bordada
やさしい訴え - <i>Yasashii uttae</i>	1996	Bungei shunjū	Um Apelo Gentil
凍りついた香り - <i>Kōritsuita kaori</i>	1998	Gentōsha	Aroma Congelado
寡黙な死骸、みだ らな弔い - <i>Kamoku na shigai, midara na tomurai</i>	1998	Jitsugyō no Nihonsha	Um Cadáver Silencioso, um Funeral Lascivo
ギブスを売る人 - <i>Gibusu o uru hito</i>	1998	Bungei shunjū	O Homem que Vendia Aparelhos

深き心の底より - <i>Fukaki kokoro no soko yori</i>	1999	Kairyūsha	Do Fundo do meu Coração
偶然の祝福 - <i>Gūzen no shukufuku</i>	2000	Kadokawa shoten	Uma Bênção Acidental
沈黙博物館 - <i>Chinmoku hakubutsukan</i>	2000	Chikuma shobō	Museu do Silêncio
まぶた - <i>Mabuta</i>	2001	Shinchōsha	Pálpebra
貴婦人の蘇生 - <i>Kifujin no sosei</i>	2002	Asahi shinbunsha	Ressurreição da Senhorita
博士の愛した数式 - <i>Hakase no aishita sūshiki</i>	2003	Shinchōsha	A Fórmula Preferida do Professor
ブラフマンの埋葬 - <i>Burafuman no maisō</i>	2004	Kōdansha	Funeral de Brahma
世にも美しい数学 入門 - <i>Yo ni mo utsukushii sūgaku nyūmon</i>	2005	Chikuma shobō	Uma Bela Introdução à Matemática
犬の尻尾を撫でな がら - <i>Inu no shippo o nadenagara</i>	2006	Shūeisha	Acariciando o Rabo de um Cachorro

おとぎ話の忘れ物 - <i>Otogibanashi no wasuremono</i>	2006	Shūeisha	Contos de Fadas Esquecidos
ミーナの行進 - <i>Miina no kōshin</i>	2006	Chūō kōron shinsha	A Marcha de Mina
海 - <i>Umi</i>	2006	Shinchōsha	Mar
小川洋子対話集 - <i>Ogawa Yōko taiwashū</i>	2007	Gentōsha	Diálogos de Yōko Ogawa
物語の役割 - <i>Monogatari no yakuwari</i>	2007	Chikuma shobō	O Papel da Narrativa
初めての文学・小 川洋子 - <i>Hajimete no bungaku Ogawa Yōko</i>	2007	Bungei shunjū	Minha Primeira Experiência Literária: Ogawa Yoko
夜明けの縁をさ迷 う人々 - <i>Yoake no fuchi o samayou hitobito</i>	2007	Kadokawa shoten	Pessoas Vagando ao Amanhecer
博士の本棚 - <i>Hakase no hondana</i>	2007	Shinchōsha	A Estante de Livros do Médico
科学の扉をノック する - <i>Kagaku no tobira o nokku suru</i>	2008	Shūeisha	Batendo à Porta da Ciência

猫を抱いて象と泳ぐ - <i>Neko o idaite zō to oyogu</i>	2009	Bungei shunjū	Segurar um Gato e Nadar com Elefantes
心と響き合う読書案内 - <i>Kokoro to hibikiau dokusho annai</i>	2009	PHP kenkyūjo	Um Guia de Leitura que Ressoa com o seu Coração.
カラーひよことコーヒー豆 - <i>Karā hiyoko to kōhii mame</i>	2009	Shōgakukan	Pintinhos Coloridos e Grãos de Café
原稿零枚日記 - <i>Genkō reimai nikki</i>	2010	Shūeisha	Diário Manuscrito de Zero Papéis
人質の朗読会 - <i>Hitojichi no rōdokukai</i>	2011	Chūō kōronsha	Leitura de Reféns
最果てアーケード - <i>Saihate ākēdo</i>	2012	Kōdansha	O Fliperama no Final
ことり - <i>Kotori</i>	2012	Asahi shinbun shuppan	Pássaro
いつも彼らはどこかに - <i>Itsumo karera wa doko ka ni</i>	2013	Shinchōsha	Eles Estão Sempre em Algum Lugar.
琥珀のまたたき - <i>Kohaku no matataki</i>	2015	Kōdansha	Âmbar Cintilante

不時着する流星たち - <i>Fujichaku suru ryūsei-tachi</i>	2017	Kadokawa	Meteoros Fazendo um Pouso de Emergência
口笛の上手な白雪姫 - <i>Kuchibue no jōzuna Shirayukihime</i>	2018	Gentōsha	Branca de Neve é Boa em Assobiar
小箱 - <i>Kobako</i>	2019	Asahi shinbun shuppan	Caixa Pequena
約束された移動 - <i>Yakusoku sa reta idō</i>	2019	Kawade shobō shinsa	Mudança Prometida
掌に眠る舞台 - <i>Tenohira ni nemuru butai</i>	2022	Shūeisha	O Palco na Palma da Sua Mão
耳に棲むもの - <i>Mimi ni sumu mono</i>	2024	Kōdansha	O que Vive no Ouvido
サイレントシンガー - <i>Sairentoshingā</i>	2025	Kōdansha	Cantora Silenciosa

Fonte: Elaboração Marília Gabriella Rosa Machado.

### 6.1. Estética da recepção e o papel do leitor

A partir da década de 1960, a crítica literária passa a deslocar o foco do autor e da obra para o leitor, inaugurando o que Hans Robert Jauss denominou estética da recepção. Essa mudança de paradigma surge em contraposição às abordagens formalistas e estruturalistas que privilegiavam o texto como um sistema fechado, autossuficiente e independente do contexto histórico. Em seu texto *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1967), Jauss propõe compreender a literatura como fenômeno estético e histórico cuja significação depende do modo como é recebida por seus leitores ao longo dos anos.



Segundo Jauss (1979), em *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, toda obra literária se insere em um horizonte de expectativas formado por experiências de leituras anteriores, convenções de gênero e valores culturais que o público traz consigo. É a partir desse horizonte que o leitor reconhece a novidade ou a continuidade de uma obra, atribuindo-lhe sentido. Segundo Souza (2012):

Para Jauss, esse conhecimento revelaria o impacto das obras ao longo de sua recepção histórica e as produções de sentidos, o que demonstra a sua concordância com Hans-Georg Gadamer, pois, para ambos, não existe uma interpretação unívoca, e sim interpretações equívocas. Em outras palavras, o compreender-interpretar estaria intimamente relacionado ao devir histórico, isto é, ao conhecimento e evento. Por esse motivo, na esteira do autor de *Verdade e método*, Jauss desloca a noção da verdade do sentido para o poder da dialética socrática, isto é, para a relação dialógica, baseada na pergunta-resposta, entre o público e o texto. (Souza, 2012, p.55)

Assim, o significado literário não é algo fixo ou universal, mas um processo histórico que se atualiza a cada nova recepção. A literatura, portanto, não é um produto apenas do autor, mas também uma experiência estética compartilhada, que se realiza na interação entre texto e público.

Wolfgang Iser, outra figura da Escola de Constança, complementa essa perspectiva ao enfatizar o papel ativo do leitor na construção do sentido textual. Em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996), Iser argumenta que o texto literário é estruturado de modo a conter lacunas que exigem a participação do leitor para serem preenchidas. Essa característica confere ao texto uma natureza dinâmica, que só se completa no ato da leitura. O autor denomina esse processo de efeito estético, destacando que o leitor não apenas decodifica a mensagem literária, mas coopera com o texto para produzir significado (Iser, 1996, p.146). Em adição, Moura (2024) destaca que:

Wolfgang Iser sugere pensar nos horizontes interpretativos que a indeterminação pode abrir durante a leitura. Para ele, os textos literários são imbuídos de certa indeterminação, já que não permitem referência idêntica a uma situação da vida real. Nesse sentido, a obra de ficção não retrata a vida na realidade comum e material, mas que a reelabora a partir da própria verdade estética (Moura, 2024, p.20-21).

Desta forma, cada leitura se torna singular, pois depende da imaginação, do repertório e da experiência de quem lê.

Enquanto Jauss e Iser privilegiam a relação entre leitor e texto, Stanley Fish possui um ponto de vista diferente da centralidade do leitor ao situar a interpretação dentro de contextos socioculturais específicos. Em *Is There a Text in This Class?* (1992, “Há um texto nessa aula?”, tradução livre), Fish desenvolve o conceito de comunidades interpretativas, argumentando que

os significados literários não são inerentes ao texto, mas resultam de práticas de leitura compartilhadas em grupos sociais. Cada comunidade estabelece suas próprias normas de interpretação, definindo o que é válido ou relevante em uma obra. Segundo o autor (1992), na tradução de Rafael Eugenio Hoyos-Andrade:

Em crítica literária isto significa que não se pode dizer que nenhuma interpretação seja melhor ou pior do que qualquer outra e, na sala de aula, isto significa que não temos respostas para o estudante que diz que a minha interpretação é tão válida quanto a sua. Somente se houver uma base partilhada de acordo, que ao mesmo tempo guie a interpretação e forneça o mecanismo para decidir entre diferentes interpretações, poder-se-á evitar um relativismo total e debilitante. (Fish, 1992, p.203)

Nesse sentido, o texto adquire diferentes significados conforme o ambiente cultural em que é lido, o que evidencia o caráter relativo e contextual da recepção literária.

Essas abordagens teóricas oferecem um referencial essencial para compreender a recepção da autora japonesa Yōko Ogawa no contexto brasileiro. As obras da autora, marcadas por temas como silêncio, sentimentos e memórias, são produzidas em um universo cultural japonês, mas chegam aos leitores brasileiros mediadas por processos de tradução, divulgação e crítica. A partir da perspectiva de Jauss, pode-se entender que o público brasileiro recebe Ogawa a partir de um horizonte de expectativas moldado por outras tradições literárias, especialmente ocidentais, o que influencia o modo como seus textos são interpretados.

Com base em Iser, é possível considerar que o leitor brasileiro preenche as lacunas da escrita de Ogawa segundo suas próprias referências culturais, reconfigurando o sentido de temas como intimidade, trauma e desejo. Já o conceito de comunidades interpretativas de Fish permite compreender como a crítica literária, os tradutores e os leitores constituem um grupo de mediação que define, no Brasil, uma leitura específica da autora – uma leitura que tende a valorizar seu exotismo, sua sutileza psicológica e o diálogo com o feminino, conforme as tendências locais de recepção.

Desse modo, aplicar a estética da recepção à análise da presença de Yōko Ogawa no Brasil possibilita refletir não apenas sobre a sua obra, mas sobre os modos pelos quais ela é lida, reinterpretada e ressignificada em outro contexto cultural. Essa abordagem evidencia que o estudo da literatura traduzida não se restringe à comparação entre culturas, mas envolve um processo de construção de sentidos que se realiza na relação entre texto, leitor e comunidade interpretativa.

## 7. LITERATURA DE YŌKO OGAWA NO BRASIL

### 7.1. Obras traduzidas

Atualmente, conta-se com cinco obras traduzidas da autora, a maioria delas publicadas pela editora Estação Liberdade. Somente a obra *Hotel Íris* foi traduzida da versão em francês e publicada primeiramente pela editora Leya em 2011, depois foi produzida uma nova versão pela Estação Liberdade que foi ao ar em 2024. Então, há obras publicadas desde 2011 até 2024, o que demonstra uma quantidade progressiva de produções trazidas para o Brasil.

**Quadro 2 – Obras traduzidas de Yōko Ogawa**

<b>Título</b>	<b>Ano da publicação</b>	<b>Editora</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Número de páginas</b>
<i>Hotel Íris</i>	2011	Leya	Marly Peres	208
<i>O Museu do Silêncio</i>	2016	Estação Liberdade	Rita Kohl <sup>59</sup>	304
<i>A fórmula Preferida do Professor</i>	2017	Estação Liberdade	Shintarô Hayashi	228
<i>A Polícia da Memória</i>	2021	Estação Liberdade	Andrei Cunha <sup>60</sup>	320
<i>A piscina; Diário de gravidez; Dormitório: três novelas</i>	2023	Estação Liberdade	Eunice Suenaga <sup>61</sup>	168
<i>Hotel Íris</i>	2024	Estação Liberdade	Jefferson José Teixeira <sup>62</sup>	192

<sup>59</sup> Tradutora de literatura japonesa. É bacharel em Letras-Japonês e Português na FFLCH, USP e mestre em literatura comparada pela Graduate School of Arts and Sciences da Universidade de Tóquio.

<sup>60</sup> É tradutor literário de japonês e professor de Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez graduação e mestrado na Universidade de Hitotsubashi, em Tóquio, no Japão, onde viveu de 1994 a 2001.

<sup>61</sup> É neta de japoneses e nasceu no interior de São Paulo. Coursou Letras-Japonês e Português na FFLCH, USP. Mestre e Doutora em Literatura Clássica Japonesa pela Graduate School of Arts and Sciences, Universidade de Tóquio.

<sup>62</sup> Nasceu no Rio de Janeiro e se formou em Bacharel em Economia Agrícola na Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro. Tem Mestrado em Economia Agrícola pela Universidade de Chiba e obteve o título de doutor

A compreensão da recepção brasileira das obras de Yōko Ogawa exige, antes de tudo, um olhar atento para as narrativas que efetivamente chegaram ao público leitor. Desta forma, torna-se fundamental apresentar brevemente as obras disponibilizadas ao público brasileiro, ressaltando seus enredos centrais. A seguir, foram reunidas sinopses das obras já traduzidas, oferecendo um panorama inicial das narrativas que compõem sua presença no cenário editorial brasileiro.

Em ***Hotel Íris***, a história é narrada por Mari, uma jovem de 17 anos que vive com a mãe e trabalha em um pequeno hotel à beira-mar. A vida dela muda quando conhece um homem mais velho e misterioso, com quem inicia uma relação marcada por dominação, submissão e desejo, revelando o lado obscuro das emoções humanas. Por meio dessa experiência intensa e perturbadora, Mari confronta sua solidão, seus limites e o poder que o outro exerce sobre ela, em uma narrativa que mistura beleza, dor e inquietação.

A obra ***O Museu do Silêncio*** conta a história de um homem sem nome contratado por uma senhora idosa para organizar um museu muito peculiar: uma coleção de objetos que pertenceram a pessoas já falecidas, cada item guardando a memória silenciosa de uma vida. Enquanto ele cataloga os objetos e descobre as histórias por trás deles, passa a conhecer os segredos sombrios da casa, da velha e de sua jovem filha. Na obra, Ogawa explora temas como a morte, a memória, o silêncio e o desejo, criando uma atmosfera misteriosa e poética.

Em ***A Fórmula Preferida do Professor***, a história acompanha uma mãe solteira contratada para ser empregada doméstica de um antigo professor de matemática que, após um acidente, sofre de um problema de memória: ele só consegue se lembrar dos últimos 80 minutos. Apesar dessa limitação, o professor demonstra uma paixão profunda pelos números e ensina a mulher e seu filho – apelidado por ele de “Raiz” – a beleza das fórmulas e dos padrões matemáticos que regem o mundo. Ao longo da convivência, forma-se entre eles um laço de afeto e aprendizagem mútua, onde a matemática se torna uma linguagem de amor, respeito e compreensão humana. Desta forma, Ogawa traz temas como memória, empatia e as conexões invisíveis que unem as pessoas.

***A Polícia da Memória*** é um romance distópico que retrata uma ilha onde objetos, sentimentos e até lembranças desaparecem misteriosamente. Quando algo é “apagado”, seus

vestígios somem do mundo e da mente das pessoas – exceto daquelas que ainda conseguem se lembrar, perseguidas por uma força autoritária chamada Polícia da Memória. A narradora, uma escritora, tenta proteger seu editor, um desses poucos que ainda têm memória, escondendo-o em sua casa. Enquanto o esquecimento coletivo avança, ela luta para preservar suas lembranças e sua identidade. Com uma linguagem delicada e melancólica, Ogawa constrói uma reflexão sobre a fragilidade da memória, controle social e a resistência silenciosa diante do apagamento da humanidade.

O livro *A piscina; Diário de gravidez; Dormitório: três novelas*, reúne três histórias curtas que exploram o lado oculto e inquietante das relações humanas. Em *A piscina*, uma jovem estudante vive em um orfanato que seus pais gerem. Ela sente uma atração misteriosa e obsessiva por Jun, um dos órfãos. No entanto, a garota confessa sentir prazer ao ser cruel com os órfãos por se sentir desajustada vivendo no local. Em *Diário de gravidez*, uma mulher registra em um diário o período de gestação da irmã, mas seu comportamento ambíguo e suas ações estranhas criam uma atmosfera de tensão e desconforto. Por último, em *Dormitório*, uma mulher revisita o dormitório universitário que viveu durante os tempos de estudante. O local, administrado por um estranho professor, aos poucos se deteriora e deixa de ser como a mulher recorda.

A apresentação dessas obras traduzidas permite visualizar não apenas a diversidade temática que caracteriza a escrita de Ogawa, mas também os caminhos pelos quais sua literatura se insere no imaginário do leitor. Cada narrativa introduz sensibilidade, silêncio, morte e estranhamento, elementos que contribuem para consolidar a singularidade da escrita da autora. Desta forma, ao reunir essas sinopses, delinea-se um panorama inicial que serviu de base para compreender como esses textos foram recebidos, interpretados e discutidos no Brasil.

## **7.2. Yōko Ogawa em trabalhos acadêmicos**

O seguinte quadro foi dividido em cinco partes, sendo elas: o título do trabalho, o(a) autor(a), universidade ou instituição que foi produzido, ano de publicação, o tipo de publicação e em que curso foi feito. Para delimitar o escopo da pesquisa, esta monografia focou na análise de publicações em língua portuguesa, com o objetivo de alcançar resultados factíveis. Nesse levantamento, constatou-se duas monografias, dois periódicos, uma resenha, uma iniciação científica e um artigo totalizando sete trabalhos acadêmicos. Observa-se que as publicações se concentram no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Brasília e Bahia. Esse fato pode indicar uma maior presença de grupos de pesquisa sobre a autora nesses estados.

**Quadro 3 – Trabalhos Acadêmicos**

<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Universidade/Instituição</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de publicação</b>
<i>A Polícia da Memória: A Sobrevida de Hissoyaka na Kesshō no Brasil</i>	Nathália da Silveira Martins	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2021	Resenha - Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS
<i>O Museu Temático de Yōko Ogawa: a morte, a memória e o silêncio</i>	Thiago de Souza Carneiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2022	Trabalho de Conclusão de Graduação – Letras (Japonês)
<i>Distopias Japonesas: “A Polícia da Memória” de Yōko Ogawa</i>	Matheus Rodrigues Dias	PUC-Rio – Departamento de História (relatório PIBIC/IC)	2022	Iniciação Científica - Licenciatura e Bacharelado de História
<i>Transgressão do corpo feminino em reescrituras de “O Barba Azul”: os contos subversivos de Ogawa e Hopkinson</i>	Cynthia Beatrice Costa; Fernanda Aquino Sylvestre	Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Revista Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural	2023	Periódico do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB).

<i>Às 8h15 o mundo se despedaça: uma análise de A Polícia da Memória, de Yōko Ogawa, sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial</i>	Nátalia Fernandes Cardozo	Universidade de Brasília	2023	Trabalho de Conclusão de Graduação – Bacharelado em Letras – Português
<i>Atravessando Fronteiras: As Distopias de Yōko Ogawa e Yōko Tawada</i>	Mykaelle de Sousa Ferreira	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	2024	Estudos de Literatura, na especialidade de Literatura Brasileira, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
<i>A polícia da memória: uma alegoria aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial</i>	Nátalia Fernandes Cardozo	Universidade de Brasília	2025	Artigo - 25 anos do Curso de Letras Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB)

**Fonte:** Elaboração Marília Gabriella Rosa Machado.

Para compreender como a literatura de Ogawa vem sendo interpretada no meio acadêmico brasileiro, torna-se essencial examinar as pesquisas que se dedicaram à autora. Esses estudos não apenas revelam os diferentes enfoques críticos adotados, como também demonstram quais os aspectos que permeiam a obra da autora que despertam maior interesse entre os estudiosos da literatura japonesa. A seguir, foi feito um breve resumo das pesquisas acadêmicas que contribuem para o estudo da autora.

Em *A Polícia da Memória: A Sobrevida de Hissoyaka na Kesshō no Brasil*, de Nathália da Silveira Martins, é analisado o romance “A Polícia da Memória”, de Yōko Ogawa, destacando sua trajetória de publicação e tradução até chegar ao Brasil. A autora utiliza o conceito de “sobrevida”, de Walter Benjamin, para mostrar como a obra ultrapassa seu tempo e ganha novos significados em diferentes contextos culturais. Martins discute a forma como Ogawa transforma o esquecimento e o desaparecimento de objetos em metáforas para repressão e a perda da identidade coletiva. Além disso, ela correlaciona com o momento em a obra foi traduzida, no caso, o período em que o Brasil estava passando pela pandemia e ocorreram muitas perdas. A resenha enfatiza ainda a sutileza e a força da narrativa, que propõe uma resistência silenciosa diante do esquecimento e convida o leitor a refletir sobre o valor e a fragilidade da lembrança.

Thiago de Souza Carneiro, em *O Museu Temático de Yōko Ogawa: a morte, a memória e o silêncio* se propõem a delinear um panorama literário da autora, com o intuito de instigar novos leitores. Além disso, traça um comparativo entre as obras traduzidas e publicadas no Brasil, para conhecer e entender os elementos narrativos que permeiam as histórias de forma única, como o silêncio, a morte e as personagens impessoais. Ele traz um comparativo entre “Hotel Íris (2011)”, “O Museu do Silêncio (2016)”, “A fórmula preferida do professor (2017)” e “A Polícia da Memória (2021)” para compreender como os livros dialogam entre si.

Na iniciação científica, *Distopias Japonesas: “A Polícia da Memória” de Yōko Ogawa*, de Matheus Rodrigues Dias, buscou-se compreender a distopia japonesa a partir da obra de Ogawa, com foco na resistência e no autoritarismo presente na narrativa. Assim, se propôs a entender os problemas ali representados, e o contexto da publicação da obra.

Em *Transgressão do corpo feminino em reescrituras de “O Barba Azul”*: os contos subversivos de Ogawa e Hopkinson, Cynthia Beatrice Costa e Fernanda Aquino Sylvestre investigam como as autoras Yōko Ogawa e Nalo Hopkinson produziram uma releitura do conto clássico Barba-Azul para promover uma ruptura com as normas tradicionais de gênero e corporeidade, focando especialmente na transgressão do corpo feminino. Por meio das versões



*The Ring Finger Specimen* de Ogawa e *The Glass Bottle Trick* de Hopkinson, o estudo mostra como ambas deslocam o corpo da mulher dos papéis passivos ou sacrificados para espaços de insurgência simbólica – utilizando elementos fantásticos, pós-coloniais e feministas. O artigo argumenta que essas reescrituras não só questionam o controle patriarcal sobre o corpo feminino, mas também exploram a memória, a dor, a violência e o desejo como vias para afirmar a subjetividade feminina.

Nátalia Fernandes Cardozo, em *Às 8h15 o mundo se despedaça: uma análise de A Polícia da Memória, de Yōko Ogawa, sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial*, se propõe a realizar uma análise crítica da obra, discutindo a hipótese de representações das memórias de guerra presentes na narrativa. Utilizando da fenomenologia da memória de Ricoeur e da história do Japão, identificou que as memórias dos personagens, assim como a situação de esquecimento, estavam ligadas ao trauma e ao luto, assim como o trauma e o luto causados pela guerra.

No artigo *Atravessando Fronteiras: As Distopias de Yōko Ogawa e Yōko Tawada*, Mykaelle de Sousa Ferreira analisa como as duas autoras japonesas constroem distopias que ultrapassam fronteiras físicas, culturais e simbólicas para refletir sobre a crise da humanidade no Antropoceno. A partir de conceitos teóricos de Jonathan Crary e Donna Haraway, Ferreira mostra que, em *A Polícia da Memória*, de Yōko Ogawa, o apagamento das lembranças representa o controle social e o esvaziamento da identidade humana, enquanto em *As últimas crianças de Tóquio*, de Yōko Tawada, o colapso ambiental e a transformação corporal questionam os limites entre humano e não humano. Assim, a autora conclui que as distopias de Ogawa e Tawada funcionam como formas de resistência poética diante da destruição e do esquecimento, revelando o poder da memória, da linguagem e da sensibilidade em tempos de colapso.

Em *A polícia da memória: uma alegoria aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial*, Nátalia Fernandes Cardozo produz um capítulo que deriva de seu trabalho feito anteriormente em 2023, com o título “Às 8h15 o mundo se despedaça: uma análise de A polícia da memória, de Yoko Ogawa, sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial”. Nesta pesquisa, a autora utiliza da fenomenologia da memória e de acontecimentos históricos para explicar a alegoria que a obra de Ogawa faz com relação a memória e esquecimento causados pela Segunda Guerra.

Os trabalhos analisados dialogam sobretudo em torno de *A Polícia da Memória*, destacando temas como esquecimento, repressão, silêncio e resistência, mas cada autor adota

perspectivas distintas. Martins utiliza o conceito de “sobrevida” para relacionar a obra ao contexto da pandemia e às perdas coletivas. Já Carneiro traça um comparativo entre as narrativas traduzidas para o Brasil, enfatizando elementos recorrentes como morte e silêncio. Matheus Dias teve como foco o caráter distópico e autoritário da narrativa, enquanto Cardozo, em dois estudos, focou na interpretação do romance como alegoria ao trauma e luto causados pela guerra. Ferreira teve como objetivo a comparação entre as distopias de Ogawa e Tawada, para discutir sobre o Antropoceno, relacionando conceitos como apagamento da memória, crise ambiental e limites dos seres humanos. As autoras Costa e Sylvestre foram as que mais se afastaram da questão da memória. Elas tiveram como foco a análise da transgressão do corpo feminino na releitura do conto Barba Azul, evidenciando violência, desejo e ruptura das normas de gênero. Desta forma, embora convergindo na relevância da memória e da repressão na literatura de Ogawa, os estudos se diferenciam pelo enfoque teórico, pelos temas privilegiados e pelos conceitos analisados.

Embora não haja tantos trabalhos acadêmicos, cada uma das pesquisas acima contribuiu para ampliar a compreensão sobre a obra de Ogawa, destacando diferentes dimensões de sua escrita e revelando o potencial crítico e interpretativo de cada narrativa. Assim, o panorama apresentado serve como base para aprofundar a reflexão sobre a recepção da autora no Brasil.

### 7.3. Yōko Ogawa digital: sites, blogs e jornais digitais

Outro aspecto relevante em relação a escritora Yōko Ogawa é a sua presença em matérias publicadas em sites, blogs e jornais digitais. Foram reunidas 15 publicações que abordam, de alguma maneira, suas obras, a trajetória como autora e influências em sua escrita. O levantamento incluiu matérias que foram publicadas desde 2017 até junho de 2025.

**Quadro 4 – Meio digital**

Portal	Título	Autor (Se houver)	Data de Publicação
Jornal da USP – Biblioteca Sonora	<i>A linha de ligação da vida e da morte expressa em romance japonês</i>	Marcelo Bittencourt	03/01/2017  Atualizado em 26/12/2017

Escotilha – Cultura, Diálogo e Informação	<i>‘A Fórmula Preferida do Professor’: Yōko Ogawa e o lado afetivo da matemática</i>	Marilia Kubota	23/05/2017
Quatro Cinco Um	<i>Um barco para carregar a voz dos mortos</i>	Yōko Ogawa – Tradução de Rita Kohl	01/11/2020
Quatro Cinco Um	<i>Distopia e realidade</i>	Socorro Acioli	01/07/2021
Quatro Cinco Um	<i>Um feminismo deslocado</i>	Aparecida Vilaça	01/02/2022 Atualizado em: 15/07/2025
Quatro Cinco Um	<i>Paisagens compartilhadas</i>	Aparecida Vilaça	16/08/2023
Quatro Cinco Um	<i>Três novelas de Yōko Ogawa</i>	Redação Quatro Cinco Um	18/08/2023
Rascunho – O Jornal de Literatura do Brasil	<i>Ambição por emoções sutis</i>	Paulo Krauss	Outubro de 2023
Outras Palavras	<i>Yōko Ogawa: Memória de mundos apagados</i>	Piero Detoni	23/02/2024
Quatro Cinco Um	<i>Dez romances para conhecer a literatura japonesa contemporânea</i>	Redação Quatro Cinco Um	05/03/2024 Atualizado em: 01/08/2024

Jornal O Candeeiro	<i>Hotel Íris, o polêmico romance de Yōko Ogawa ganha tradução direta do japonês</i>	Sem autor	18/03/2024
Quatro Cinco Um	<i>Romance controverso de Yōko Ogawa é tema do Clube de Leitura JHSP + Quatro Cinco Um</i>	Redação Quatro Cinco Um	09/05/2024 Atualizado em: 25/11/2024
Fundação Japão São Paulo	<i>Dossiê Yōko Ogawa</i>	Neide Hissae Nagae	13/09/2024
Fundação Japão São Paulo	<i>Yōko Ogawa e Cinema</i>	Neide Hissae Nagae	13/09/2024
Quatro Cinco Um	<i>‘O museu do silêncio’, de Yōko Ogawa, será tema do Clube de Leitura JHSP + Quatro Cinco Um</i>	Redação Quatro Cinco Um	13/03/2025

**Fonte:** Elaboração Marília Gabriella Rosa Machado.

É possível perceber no quadro 3 que diversos autores destacam de alguma forma Yōko Ogawa em sites, blogs e jornais. É a partir de tais textos que o leitor é convidado a entrar no universo da autora, conhecendo um pouco sobre suas obras e permitindo uma ampla divulgação de sua literatura feminina japonesa.

Na publicação *A linha de ligação da vida e da morte expressa em romance japonês*, do Jornal da USP – Biblioteca Sonora, é abordado o romance O Museu do Silêncio, de Yōko Ogawa, por meio de uma entrevista com a tradutora Rita Kohl. A entrevista destaca a forma

como a obra coloca em cena a tênue e interligada linha entre vida e morte, por meio da criação de um museu dedicado a objetos de pessoas falecidas, onde memória, silêncio e ausência se entrelaçam de modo a provocar uma reflexão sobre o que permanece quando se parte.

Marília Kubota, em *‘A Fórmula Preferida do Professor’: Yōko Ogawa e o lado afetivo da matemática*, publicada na Escotilha – Cultura, Diálogo e Informação, analisa como Yōko Ogawa transforma a matemática em uma linguagem de afeto e conexão humana no romance. Kubota destaca a sensibilidade da autora ao narrar a relação entre um professor de matemática com perda de memória recente, sua empregada e o filho dela, mostrando como os números e as fórmulas se tornam pontes para o entendimento, a empatia e o cuidado.

*Um barco para carregar a voz dos mortos*, uma matéria publicada pela Quatro Cinco Um e traduzida por Rita Kohl, Yōko Ogawa discute sobre tragédias, como os efeitos da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, o Holocausto e as inúmeras guerras. A autora afirma que é muito importante estarmos cientes desses acontecimentos, do que as pessoas passaram para não repetir os mesmos erros do passado. Além disso, ela acredita que a literatura é uma ferramenta para que as pessoas mantenham as memórias daqueles que já se foram.

Em *Distopia e realidade*, publicada na Quatro Cinco Um, Socorro Acioli parte da análise do romance *A Polícia da Memória*, e busca trazer uma reflexão sobre como a ficção distópica – com seu cenário de apagamento da memória, controle autoritário e destruição do passado – está cada vez mais próxima da realidade brasileira. Acioli traça paralelos entre o enredo do livro, em que uma ilha vê seus habitantes impedidos de lembrar nomes e objetos, e o contexto que o Brasil estava passando durante a pandemia. A autora destaca como as memórias daqueles que se foram podem ser perdidas facilmente ao serem armazenadas somente nos celulares. Então, manter a memória – individual e social – é uma forma de resistência ao apagamento.

No texto *Um feminismo deslocado*, publicado pela Quatro Cinco Um, Aparecida Vilaça analisa a produção literária contemporânea de autoras japonesas e argumenta que estamos diante de um tipo de feminismo “deslocado”. Isto é, que não se articula conforme os moldes ocidentais usuais de igualdade de gênero ou emancipação explícita, mas manifesta-se de modo silencioso, contido e simbólico, na recusa ao casamento, à maternidade ou aos papéis sociais tradicionais. Ela mostra que, embora o Japão moderno seja permeado por estruturas patriarcais persistentes, muitas escritoras, como Yōko Ogawa, usam a ficção para explorar essa estranheza de existir num mundo marcado simultaneamente pela tradição e pela modernidade, reivindicando novas formas de subjetividade feminina.

Aparecida Vilaça, em *Paisagens compartilhadas*, publicada também pela Quatro Cinco Um, realizou uma entrevista com Yōko Ogawa, mediada pela tradução de Jefferson José Teixeira. Nela, Ogawa aborda com delicadeza e precisão temas centrais da sua obra – memória, corpo, crueldade, objetos e o silêncio que reside entre presença e ausência. Ela revela que escreve a partir de “paisagens da mente”. Apesar de influenciada pela cultura japonesa, a autora procura situar seus livros em mundos sem localização determinada para que leitores de qualquer lugar possam mergulhar nessas paisagens. Ogawa também explica que os três contos reunidos em um volume (*A Piscina, Diário de Gravidez e Dormitório*), foram escritos num mesmo período da juventude e compartilham uma obsessão e crueldade por corpos, e em como as personagens estão presas em corpos silenciosos. Por fim, em relação à tradução e recepção no Brasil e no Ocidente, a autora se mostra esperançosa de que melhores articulações editoriais colaborem para diminuir barreiras culturais e linguísticas.

A Quatro Cinco Um sempre divulga sobre os encontros do Clube de Leitura Japan House São Paulo, desses encontros que abordam as obras de Yōko Ogawa, pode-se destacar *Três novelas de Yōko Ogawa, Romance controverso de Yōko Ogawa e ‘O museu do silêncio’, de Yōko Ogawa*. No primeiro, foi convidada a apresentadora Roberta Martinelli, para discutir sobre os contos *A Piscina, Diário de Gravidez e Dormitório*. No segundo encontro, o psicanalista Lucas Liedke foi convidado para a edição. E por último, o escritor José Santos foi convidado para dialogar sobre *O museu do silêncio*. O clube de leitura já recebeu grandes profissionais da tradução de literatura japonesa para o Brasil, além de críticos e jornalistas para discutir sobre muitas obras de autores japoneses.

*Ambição por emoções sutis*, do jornal Rascunho – O Jornal de Literatura do Brasil, Paulo Krauss realizou uma entrevista com Yōko Ogawa, traduzida por Lúcia Hiratsuka. Na entrevista, Ogawa revela como imagina um local com clareza antes de começar a escrever e em seguida projeta personagens nos espaços. Além disso, a autora descreve um pouco mais sobre suas personagens, lugares que são explorados nas obras e como ela representa sentimentos na sua escrita.

Pietro Detoni, em *Yōko Ogawa: Memória de mundos apagados*, texto publicado na Outras Palavras, explora como o romance *A Polícia da Memória* opera como uma metáfora para o mundo contemporâneo marcado pelo apagamento das coisas – objetos, memórias e até pessoas – e pelo surgimento de “não-coisas”, conforme penado pelo filósofo Byung-Chul Han. O autor articula a narrativa à reflexão do também filósofo Paul Ricoeur sobre memória e

esquecimento, mostrando que a literatura de Ogawa coloca em cena os efeitos de esquecimento radical.

Em *Dez romances para conhecer a literatura japonesa contemporânea*, a Quatro Cinco Um selecionou 10 títulos que atraíram leitores do Clube de Leitura JHSP, dentre eles, o romance *Polícia da Memória* de Yōko Ogawa esteve presente como recomendação.

O Jornal O Candeeiro, em *Hotel Íris, o polêmico romance de Yōko Ogawa ganha tradução direta do japonês*, divulga o relançamento de *Hotel Íris* com uma nova tradução direta do japonês ao português realizada por Jefferson José Texeira, pela editora Estação Liberdade, em 2024. A publicação anuncia o lançamento, aponta sua temática provocadora e assinala o valor da nova tradução direta como marco significativo para a recepção da obra no Brasil.

Por fim, o *Dossiê Yōko Ogawa e Yōko Ogawa e Cinema* da Fundação Japão São Paulo, escrito por Neide Hissae Nagae, expõem um panorama da vida da autora, o percurso literário e suas premiações, além de trazer os filmes *L'annulaire* e *A fórmula preferida do professor*, que foram adaptações dos seus escritos.

As publicações convergem ao identificar na obra de Yōko Ogawa a centralidade em temas como memória, esquecimento, silêncio, tensão entre vida e morte, ressaltando a construção de atmosferas marcadas pela sutileza afetiva e pela inquietação sensorial. De modo geral, reconhecem na autora uma poética que articula presença e ausência por meio de objetos, espaços e relações humanas, além de destacarem sua relevância na literatura contemporânea e sua crescente recepção no Brasil, evidenciada por traduções, entrevistas, dossiês e clubes de leitura.

Já as divergências entre as publicações decorrem sobretudo dos recortes analíticos. Enquanto algumas abordagens privilegiam a dimensão estética e narrativa das obras, outras enfatizam leituras sociopolíticas, especialmente no que se refere às distopias e ao apagamento da memória. Há ainda interpretações que inserem Ogawa em debates culturais mais amplos, como o feminismo japonês contemporâneo, bem como textos voltados à mediação editorial e à recepção brasileira, incluindo lançamentos, traduções e eventos literários. Desta forma, diferenciam-se os enquadramentos teóricos que moldam a compreensão da obra da autora.

A partir da análise dos conteúdos publicados em diferentes sites, torna-se evidente que a presença de Ogawa no meio digital brasileiro se constrói por meio de perspectivas variadas, desde entrevistas com a autora, reuniões de clubes de leitura com foco em suas obras, divulgação de sua literatura, até análises e reflexões mais aprofundadas sobre suas obras e estilo narrativo. Cada plataforma enfatiza aspectos diferentes, como a delicadeza psicológica e o

caráter inquietante presente nas histórias da autora, o que contribui para formar um quadro amplo de interpretações possíveis. Ao reunir esses materiais, compreende-se o interesse crescente por Ogawa e a diversidade de leituras e interpretações de sua narrativa, oferecendo uma base significativa para a percepção da imagem da autora que circula pelo cenário literário brasileiro.

## **8. NAS MARGENS DA SENSIBILIDADE: REFLEXÕES FINAIS SOBRE OGAWA NO BRASIL**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a recepção da literatura de Yōko Ogawa no Brasil, observando como suas obras têm circulado e sido interpretadas nos meios acadêmico e midiático. A partir do método exploratório-bibliográfico, em conjunto com a abordagem qualitativa-quantitativa, foi possível compreender de que forma a autora vem sendo inserida no cenário literário brasileiro contemporâneo.

Os resultados obtidos demonstram que, embora a presença de Ogawa no Brasil ainda seja recente, há um crescimento progressivo de interesse por suas obras, tanto no meio acadêmico, quanto em publicações jornalísticas e plataformas digitais. Esse interesse se manifesta em trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, entrevistas, críticas literárias e resenhas, que destacam o estilo único da autora, caracterizado pela sutileza descritiva, pelo aprofundamento psicológico e pela construção de atmosferas marcadas pela memória, pelo silêncio e pela solidão.

A partir das teorias da recepção, é possível concluir que a presença da autora no Brasil se constrói pela interação entre obra, leitor e contexto interpretativo. Sob a perspectiva de Jauss, sua literatura é acolhida dentro de um horizonte de expectativas já formado pelo interesse crescente na literatura japonesa e por temas que dialogam com a sensibilidade do leitor brasileiro. Em consonância com Iser, a recepção demonstra que os leitores brasileiros atualizam e completam os significados da obra por meio da análise individual e ativa das lacunas e ambiguidades que caracterizam a escrita da autora. Por fim, seguindo Fish, observa-se que a interpretação de Ogawa no Brasil depende das comunidades interpretativas, como acadêmicas, críticas e digitais, que legitimam sentidos e orientam modos específicos de leitura. Assim, a recepção de Yōko Ogawa no Brasil reflete a articulação entre expectativas culturais, participação ativa do leitor e construção coletiva de interpretações.

Verificou-se também que a recepção de Yōko Ogawa está inserida em um contexto mais amplo de valorização da literatura feminina japonesa contemporânea, cujas raízes



remontam às escritoras do período Heian e se desenvolvem ao longo dos séculos por meio da resistência e da reinterpretação das experiências femininas. Nesse sentido, a autora representa uma continuidade e, ao mesmo tempo, uma renovação dessa tradição, ao trazer temas universais sob uma perspectiva intimista e sensível.

A pesquisa evidenciou ainda que, no Brasil, a divulgação das obras de Ogawa tem sido impulsionada por traduções recentes, bem como pelo interesse crescente em estudos de literatura comparada e análise de aspectos como memória, distopia, morte e silêncio. Essa expansão tem contribuído para a ampliação do diálogo intercultural entre Brasil e Japão, permitindo uma compreensão mais profunda das representações femininas e da estética narrativa japonesa contemporânea.

Portanto, a pesquisa confirma a relevância literária e cultural de Yōko Ogawa no contexto brasileiro, apontando a necessidade de novos estudos críticos que aprofundem as relações entre sua escrita e a tradição literária japonesa, bem como sua influência sobre o público leitor ocidental. Espera-se que este trabalho não apenas busque contribuir no reconhecimento da relevância da autora no cenário brasileiro, mas também possua o intuito de incentivar a continuidade de pesquisas sobre outras escritoras japonesas contemporâneas, cuja literatura ainda aguarda ser amplamente conhecida e analisada.

## 9. REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. *Distopia e realidade. Quatro Cinco Um*, publicado em 01/07/2021. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura/literatura-japonesa/distopia-e-realidade>

AFONSO, Joy Nascimento. *Entre memória e viagem, tradição e contemporaneidade – uma leitura de américa latina: traição e outras viagens (furin to nanbei), de banana yoshimoto*. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022.

AFONSO, Joy Nascimento; LEAL, Priscila Yamaguchi. *A escrita feminina japonesa: um breve panorama das produções clássicas às contemporâneas*. Estudos Japoneses, n. 40, São Paulo: USP, p. 35-47, 2018.

ARIGA, Chieko. *Who's Afraid of Amino Kiku? Gender Conflict and the Literary Canon*. In Fujimura-Fanselow and Kameda, Japanese Women, 43–60.

BARTH, M. *Women in Japanese Literature* (Undergraduate honors thesis, University of Redlands). 1996. Disponível em: [https://inspire.redlands.edu/cas\\_honors/216](https://inspire.redlands.edu/cas_honors/216)

BITTENCOURT, Marcelo. *A linha de ligação da vida e da morte expressa em romance japonês*. Jornal da USP – Biblioteca Sonora, publicado em 03/01/2017, atualizado em 26/12/2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/a-linha-de-ligacao-da-vida-e-da-morte-expressa-em-romance-japones>

BUCKLEY, Sandra. *Altered States: The Body Politics of “Being-Woman”*. In: GORDON, A. (Ed.) *Postwar Japan as History*. Berkeley: University of California Press, 1993. p. 347-372.

CARDOZO, Nátaia Fernandes. *Às 8h15 o mundo se despedaça: uma análise de A Polícia da Memória, de Yōko Ogawa, sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português) — Universidade de Brasília, 2023.

CARDOZO, Nátaia Fernandes. *A polícia da memória: uma alegoria aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial*. Artigo publicado no E-Book 25 anos do Curso de Letras Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, 2025.

CARNEIRO, Thiago de Souza. *O Museu Temático de Yōko Ogawa: a morte, a memória e o silêncio*. Monografia (graduação)— Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/18815>

COSTA, C. B.; SYLVESTRE, F. A. *Transgressão do corpo feminino em reescrituras de “O Barba Azul”: os contos subversivos de Ogawa e Hopkinson*. Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural, v. 13, n. 1, p. 119–142, 2023. DOI: 10.30620/pdi.v13n1.p119. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/v13n1p119>

DETONI, Piero. *Yōko Ogawa: Memória de mundos apagados*. Outras Palavras, publicado em 23/02/2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/yoko-ogawa-memoria-de-mundos-apagados>

DIAS, Matheus Rodrigues. *Distopias japonesas: “A polícia da memória” de Yōko Ogawa*. Departamento de História, PUC-Rio, 2022.

DONATH, Diana. *Black Romanticism in Postmodern Japanese Literature – The Works of Ogawa Yōko*. Silva Iaponicarum, 32/33 (Verão/Outono, 2012): 11–38.

ERICSON, Joan E. *A new era of women writers*. In: SHIRANE, Haruo; SUZUKI, Tomi; LURIE, David (org.) *The Cambridge History of Japanese Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 634-640.

FERREIRA, Mykaelle de Sousa. *Atravessando fronteiras: as distopias de Yōko Ogawa e Yōko Tawada*. Abusões, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, 2024. DOI: 10.12957/abusoes.2024.81837. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/81837>

FISH, S.; HOYOS-ANDRADE, R. E. *"Is there a text in this class?"*. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 36, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3919>

FREITAS, Larissa Salgues. *A representação da mulher japonesa em ki no kawa, de ariyoshi sawako*. Monografia — Universidade de Brasília, 2016.

FUJIMURA, Fanselow, Kumiko e Kameda, Atsuko, ed. *Japanese Women: New Feminist Perspectives on the Past, Present, and Future*. New York: The Feminist Press at The City University of New York, 1995.

FUNDAÇÃO JAPÃO. *1. Yōko Ogawa*. São Paulo: Fundação Japão, 2002-2024.

GODOY, Arilda S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. Revista Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995a, p. 57-63. — Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 3, mai./jun. 1995b, p. 20-29.

HANE, Mikiso. *Movement for Feminine Rights*. In: *Modern Japan: A Historical Survey*. 2ª ed. Boulder: Westview Press, 1992. p. 213-215.

HORIMOTO, Fumiko. *Pioneers of the Women's Movement in Japan: Hiratsuka Raichō and Fukuda Hideko seen through their journals, Seitō and Sekai Fujin*. Tese (Mestrado em Artes) – Universidade de Toronto, 1999.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. Trad. Kênia Cristina Borges Dias. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOYAMA, Takashi. *The Social Position of Working Women*. In: The Changing Social Position of Women in Japan. Paris: UNESCO, 1961. p. 98-133.

KRAUSS, Paulo. *Ambição por emoções sutis*. Rascunho – O Jornal de Literatura do Brasil, publicado em outubro de 2023. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/ambicao-por-emoco-es-sutis>

KUBOTA, Marília. *‘A Fórmula Preferida do Professor’: Yōko Ogawa e o lado afetivo da matemática*. Escotilha – Cultura, Diálogo e Informação, publicado em 23/05/2017. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/livro-a-formula-preferidado-prefessor-yoko-ogawa-resenha-critica>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Nathália da Silveira. *A polícia da memória: a sobrevida de hissoyaka na kesshō no brasil*. Revista Conexão Letras, v. 16, n. 26, 2021. DOI: 10.22456/2594-8962.117047. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/117047>

MOURA, Jone Braga de. *O horizonte em expansão: a recepção no Brasil da obra de Haruki Murakami*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

NAGAE, Neide Hissae. *De katai a dazai: apontamentos para uma morfologia do romance do eu*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NAGAE, Neide Hissae. *Literatura Japonesa – Um olhar curioso sobre produções curiosas*. Fundação Japão em São Paulo, 2012.

NAGAE, Neide Hissae. *Dossiê Yōko Ogawa*. Fundação Japão São Paulo, publicado em 13/09/2024. Disponível em: [https://fjsp.org.br/dossie\\_yoko\\_ogawa\\_1\\_yoko\\_ogawa](https://fjsp.org.br/dossie_yoko_ogawa_1_yoko_ogawa)

NAGAE, Neide Hissae. *Yōko Ogawa e Cinema*. Fundação Japão São Paulo, publicado em 13/09/2024. Disponível em: [https://fjsp.org.br/dossie\\_yoko\\_ogawa\\_4\\_yoko\\_ogawa\\_cinema](https://fjsp.org.br/dossie_yoko_ogawa_4_yoko_ogawa_cinema)

NEVES, José Luis. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

OGAWA, Yōko. *A fórmula preferida do professor*. Trad. Shintarō Hayashi. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

OGAWA, Yōko. *A piscina; Diário de gravidez; Dormitório: três novelas*. Trad. Eunice Suenaga. São Paulo: Estação Liberdade, 2023.

OGAWA, Yōko. *A Polícia da Memória*. Trad. Andrei Cunha. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

OGAWA, Yōko. *Hotel Íris*. Trad. Jefferson José Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2024.

OGAWA, Yōko. *O Museu do Silêncio*. Trad. Rita Kohl. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

OGAWA, Yōko. *Um barco para carregar a voz dos mortos*. Matéria da Quatro Cinco Um, Tradução Rita Kohl, 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura-japonesa/um-barco-para-carregar-a-voz-dos-mortos>

OGAWA, Yuko. *Healing Literatures by Contemporary Japanese Female Authors: Yoshimoto Banana, Ogawa Yōko, and Kawakami Hiromi*. Dissertação – Purdue University, 2018.

OKAMOTO, Mônica Setuyo. *Breve análise dos reflexos da Segunda Guerra Mundial nas obras literárias japonesas*. Estudos Japoneses, n. 27, p. 139-146, 2007.

PYLE, Kenneth B. *The Making of Modern Japan*. 2ª ed. Toronto: D. C. Heath and Company, 1996.

SEM AUTOR. *Dez romances para conhecer a literatura japonesa contemporânea*. Quatro Cinco Um, publicado em 05 mar. 2024, atualizado em: 01 ago. 2024. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/noticias/literatura/literatura-japonesa/dez-romances-para-conhecer-a-literatura-japonesa-contemporanea>

SEM AUTOR. *Hotel Íris, o polêmico romance de Yōko Ogawa ganha tradução direta do japonês*. Jornal O Candeeiro, publicado em 18 mar. 2024. Disponível em: <https://www.jornalocandeeiro.com.br/noticia-34207-hotellirisopolemicoromancedeyokoogawaganhatraducaodiretadojapones> Acesso em: 13 nov. 2025

SEM AUTOR. *Romance controverso de Yōko Ogawa é tema do Clube de Leitura JHSP + Quatro Cinco Um*. Quatro Cinco Um, publicado em 09 mai. 2024, atualizado em: 25 nov. 2024.

Disponível em: <https://quatrocinco.um.br/noticias/literatura/literatura-japonesa/romance-controverso-de-yoko-ogawa-e-tema-do-club-de-leitura-jhsp-quatro-cinco-um> Acesso em: 13 nov. 2025

SEM AUTOR. *‘O museu do silêncio’, de Yōko Ogawa, será tema do Clube de Leitura JHSP + Quatro Cinco Um*. Quatro Cinco Um, publicado em 13 mar. 2025. Disponível em: <https://quatrocinco.um.br/noticias/451/o-museu-do-silencio-de-yoko-ogawa-sera-tema-do-club-de-leitura-jhsp-quatro-cinco-um> Acesso em: 13 nov. 2025

SEM AUTOR. *Três novelas de Yōko Ogawa*. Quatro Cinco Um, publicado em 18 ago. 2023. Disponível em: <https://quatrocinco.um.br/noticias/literatura/literatura-japonesa/tres-novelas-de-yoko-ogawa> Acesso em: 13 nov. 2025

SHIMON, Meiko. *130 anos - Uma trajetória da Literatura Japonesa Moderna*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Letras cadernos do Il. nº 18 dezembro de 1997, p.113-118.

SIEVERS, Sharon L. *Flowers in Salt: The Beginnings of Feminist Consciousness in Modern Japan*. Califórnia: Stanford University Press, 1983.

SNYDER, Stephen. *Contemporary Japanese fiction*. In: SHIRANE, Haruo; SUZUKI, Tomi; LURIE, David (eds.). *The Cambridge History of Japanese Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 760-767.

SOUZA, Jefferson Cleiton de. *A Estética da Recepção: o leitor na economia da obra e da história*. Revista Criação & Crítica, v. 9, p. 52-60, 2012.

TANAKA, Yukiko. *Taishō Liberalism and Women*. In: *Women Writers of Meiji and Taishō Japan: Their Lives, Works and Critical Reception, 1868–1926*. Londres: McFarland, 2000. p. 137-143.

UNO, Kathleen S. *The death of “Good Wife, Wise Mother”?* In: GORDON, A. (Ed.) *Postwar Japan as History*. Berkeley: University of California Press, 1993. p. 293-322.

VILAÇA, Aparecida. *Um feminismo deslocado*. Quatro Cinco Um, publicado em 01/02/2022, atualizado em 15/07/2025.

VILAÇA, Aparecida. *Paisagens compartilhadas*. Quatro Cinco Um, publicado em 16/08/2023.

YOSHIDA, Luiza Nana. *A época clássica japonesa e suas manifestações literárias*. Estudos Japoneses, n. 19, p. 59–75, 1999. DOI: 10.11606/issn.2447-7125.v0i19p59-75.